



UC/FPCE_2010

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A parentalidade e a criança: Estudo exploratório sobre a relação entre estilos parentais, sentido de competência parental e o comportamento da criança

Natália Henriques Antunes
natalia_antunes_21@hotmail.com

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica (área de sub-especialização: Sistémica, Saúde e Família) sob a orientação da Prof. Doutora Maria João Seabra-Santos

A parentalidade e a criança: Estudo exploratório sobre a relação entre estilos parentais, sentido de competência parental e o comportamento da criança

Resumo: Este estudo pretende investigar a relação entre algumas variáveis da parentalidade, nomeadamente os estilos parentais e o sentido de competência parental, e comportamentos da criança de tipo externalizante (hiperactividade/oposição). Para isso, recorreu-se a três instrumentos: *Parental Account of Children's Symptoms* (PACS, Taylor, Sandberg, Thorley, & Gilles, 1991); *Escala de Estilos Parentais* (Arnold, O'Leary, Wolff, & Acker, 1993); e *Escala de Sentido de Competência Parental* (PSOC; Johnston & Mash, 1989). Pretendeu-se, igualmente, recolher alguns dados normativos e psicométricos preliminares sobre estes instrumentos de avaliação numa amostra não-clínica, constituída por 124 crianças pré-escolares e pelos respectivos pais. Os dados obtidos com estes instrumentos na amostra normativa foram, igualmente, comparados com os de uma amostra clínica. Os resultados revelam que, em média, os pais de crianças da amostra comunitária não apresentam uma taxa significativamente diferente de estilos parentais inapropriados do que os de crianças da amostra clínica. Porém, encontrou-se uma diferença entre as duas amostras perto do nível de significância estatístico, no que diz respeito à adopção de um estilo parental caracterizado pela sobre-reatividade, sugerindo que um estilo parental mais punitivo, exigente e ameaçador se encontra mais em crianças com problemas de comportamento do que em crianças da comunidade em geral. Por outro lado, os pais da amostra comunitária sentem-se mais competentes, apresentando níveis mais elevados de eficácia e de satisfação com a sua parentalidade. Os resultados de um estudo correlacional na amostra comunitária apontam, igualmente, para uma relação positiva e significativa entre problemas de conduta ou de hiperactividade nas crianças e a adopção de estilos parentais caracterizados pela sobre-reatividade e menor sentido de competência por parte dos pais. Os resultados são discutidos do ponto de vista das relações entre variáveis relacionadas com a parentalidade e o comportamento evidenciado pela criança.

Palavras-chave: Parentalidade; Estilos Parentais; Sentido de Competência Parental; Problemas de comportamento; Idade Pré-Escolar.

Parenting and the child: exploratory study about the relation between parenting styles, parenting sense of competence and child's behavior.

Abstract: This study intends to investigate the relation of some variables of parenting, namely the parenting styles and the sense of parenting competence, and externalizing child's behavior (hyperactivity/opposition). In order to achieve this, three instruments were used: *Parental Account of Children's Symptoms* (PACS, Taylor, Sandberg, Thorley, & Gilles, 1991); *Parenting Scale* (Arnold, O'Leary, Wolff e Acker, 1993); *Parenting Sense*

of Competence Scale (PSOC; Johnston & Mash, 1989). It was also intended to collect some normative and psychometric data about this assessment instruments on a non-clinical sample, formed by 124 pre-scholar children and their respective parents. The data obtained by these parenting instruments in the normative sample was compared with a clinical sample. The results shows that, in mean, parents of community children doesn't present a significant different rate of inappropriate parenting styles when compared with children from a clinical sample. However, it was found a difference between these two samples almost in the statistical significant level, in terms of the adoption of a parenting style characterized by overreactivity, suggesting that a punitive, exigent and threatening parenting style is more seen in children with behavioral problems than in community's children. On the other hand, parents from the community sample feel more competent, presenting higher levels of efficacy and satisfaction with their parenting. The results of a correlation study in the community sample point a positive and significant relation between conduct and hyperactivity in children and the adoption of parenting styles characterized by overreactivity and smaller sense of competence by parents. The results are discussed by the point of the relations between parenting variables and the child's evidenced behavior.

Key Words: Parenting; Parenting Styles; Sense of Parenting Competence; Behavior Problems; Pre-scholar Age.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Maria João Seabra Santos, pela “Cartola” e pela “Bengala” que me deu ao longo destes meses. Soube apontar-me os caminhos mais acertados, e apoiar-me quando eles eram mais difíceis de escalar. Pelo rigor que me fez aprender mais do que nunca... Por toda a protecção, por todas as horas de dedicação, por cada palavra plena de sabedoria, que soube dar nos momentos mais oportunos.

Às Professoras Doutoradas Isabel Alberto, Ana Paula Relvas, Madalena Carvalho e Madalena Alarcão (e tantos outros professores ao longo destes anos de caminhada), por todos os ensinamentos em direcção à complexidade sistémica e pelo *multiversus* de conhecimentos, que sempre souberam transmitir e cultivar.

À Doutora Anísia, pela constante preocupação com as suas “meninas”, e pelas palavras de incentivo, sempre incansáveis e tranquilizadoras. A todo o Centro de Saúde Fernão de Magalhães, por um ano indescritível de emoções, companheirismo, e por toda a ajuda dada.

Aos meus avós, pela compreensão do mau-humor, das noites mal dormidas, pelas vitaminas que foram dando para ultrapassar cada desafio com toda a coragem que me souberam transmitir... Por rezarem por mim diariamente para cumprir este sonho que é meu e deles... E a todos os outros que acreditaram que seria capaz e que depositaram o seu orgulho naquela menina de quem nada se esperava...

À Professora Alexandrina, pela escola em reboição para me ajudar em todos os momentos em que o desespero me assolava... Por todos os gestos de carinho profundo, por já fazer parte da minha família de sempre, e para sempre... A toda a família do Instituto Educativo de Souselas, por toda a disponibilidade, de portas sempre abertas...

Às colegas da sistémica, da cognitivo, das organizações, e de todas as outras áreas, e aos amigos que me acompanharam em todo o percurso, obrigada pelos desabafos e, sobretudo, pelos ouvidos atentos, pelas pausas, pela dedicação em cada obstáculo que ultrapassei neste caminho feito de altos e baixos, mas que tanto me ajudou a crescer...

A ti, pelo silêncio que houve entre nós este ano... E por me ouvires quando devias tu ser ouvido... Por compreenderes a minha insegurança, e nunca me apontares o dedo... Por tudo o que me dedicaste... e por tornares este sonho possível... Um dia também vou estar ao teu lado e, orgulhosa, vou ver o teu concretizado!

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Conceptual	2
1.1 A Parentalidade.....	2
1.1.1 Estilos Parentais.....	4
1.1.2 Sentido de Competência Parental.....	7
1.2 A parentalidade e o comportamento da criança.....	10
2. Objectivos e Hipóteses	16
3. Metodologia	17
3.1 Amostra.....	17
3.1.1 Selecção da Amostra.....	17
3.1.2 Caracterização da amostra.....	17
3.2 Procedimentos e Tratamento Estatístico.....	19
3.3 Instrumentos.....	20
3.3.1 <i>Escala de Estilos Parentais</i>	20
3.3.2 <i>Escala de Sentido de Competência Parental</i>	20
3.3.3 <i>Entrevista : Parent Account of Child Symptoms</i>	21
4. Resultados	21
4.1 Escala de Estilos Parentais.....	21
4.1.1 Estatísticas Descritivas.....	21
4.1.2 Consistência Interna.....	24
4.1.3 Validade Discriminante.....	25
4.2 Escala de Sentido de Competência Parental.....	26
4.2.1 Estatísticas Descritivas.....	26
4.2.2 Consistência Interna.....	27
4.2.3 Validade Discriminante.....	28
4.3 Parental Account of Children's Symptoms.....	29
4.4 Correlações entre Instrumentos.....	29
5. Discussão	32
6. Conclusões	36
Bibliografia	39

Anexos

Introdução

“A família, realidade tão simples e complexa como o amor que lhe dá origem, só vivendo-a se conhece, só conhecendo-a se ama e só amando-a se valoriza e se descobre como torrente refrescante de vida” (Neves, 2007, p.2).

É num contexto de amor, de conhecimento e de vivências pessoais que se desenvolvem muitas das relações familiares, dentre as quais se destaca a parentalidade, uma das primeiras descobertas em família que traz muitas novas questões: Serei bom pai/boa mãe? Serei muito rígido/a? Serei demasiado tolerante? Serei competente na educação que dou ao meu filho?

A presente investigação pretende contribuir para a resposta a questões como estas, levando-nos a compreender de que forma os pais de crianças em idade pré-escolar interpretam os comportamentos dos seus filhos, como reagem perante eles, se se consideram competentes na sua qualidade parental, e de que forma estas variáveis podem estar relacionadas, influenciando-se mutuamente. Muitas vezes, surgem questões que têm respostas difíceis, como: Haverá alguma correspondência entre o modo como os pais percebem o comportamento dos seus filhos (mais ou menos activo ou opositor) e a forma como lidam com eles? Será que um pai/mãe com um estilo parental mais rígido se considera mais satisfeito do que um/uma que se comporta de forma mais permissiva com os seus filhos? Esta investigação pretende representar um pequeno contributo para o estudo de variáveis relevantes para o desenvolvimento de uma família, clarificando algumas das questões indicadas.

O presente trabalho é constituído por seis partes. Na *primeira parte*, o objectivo principal consiste em concretizar um enquadramento teórico acerca de dois tópicos, recorrendo a uma revisão da literatura existente: o primeiro é o da parentalidade, onde se destacam temáticas como os estilos parentais e o sentido de competência parental; o segundo diz respeito ao comportamento da criança em idade pré-escolar, relacionando-o com as variáveis da parentalidade. Numa *segunda parte*, proceder-se-á a uma descrição dos principais objectivos desta investigação, além de expor as hipóteses levantadas previamente ao estudo concretizado. Relativamente à *terceira parte*, dedicada à metodologia da investigação, começa por se expor o método de selecção da amostra e a sua caracterização, descrevendo-se, depois, os instrumentos utilizados no estudo, bem como os procedimentos e o tratamento estatístico a que se recorreu. Na *quarta parte*, são descritos os principais resultados obtidos através da aplicação dos instrumentos. Numa *quinta parte*, é feita a discussão dos resultados, onde se procede a uma reflexão, com base na revisão da literatura. Por último, na *sexta parte*, apresentam-se as principais conclusões da investigação, reflectindo-se acerca dos seus contributos mais relevantes, limitações e sugestões para estudos futuros.

1. Enquadramento conceptual

1.1 A Parentalidade

Família com filhos pequenos, é assim designada a segunda etapa do ciclo vital, marcada pelo nascimento do primeiro filho do casal. A partir daí, surge na família um novo sub-sistema, o parental, ao qual estão associadas novas funções e tarefas que obrigam a reorganizações relacionais, intra e inter-familiares. Estes adultos, a partir desse momento pais, adquirem um novo papel e um novo estatuto (Alarcão, 2006), cabendo-lhes a tarefa de cuidar, proteger e socializar os seus filhos, além de serem responsáveis pela tomada de decisões e pelo estabelecimento de regras (Relvas & Vaz, 2002).

Um dos processos fundamentais que o sub-sistema parental deverá levar a cabo é o de vinculação, que dará à criança a segurança de que necessita para “partir à descoberta do mundo, de novas relações e novos conhecimentos” (Howe, 1997, cit. in Alarcão, 2006, p.145). É desta forma que a criança irá desenvolver uma auto-estima elevada, a qual pressupõe que, desde cedo, o sujeito se terá sentido amado, diferenciado e reforçado nos seus movimentos de construção de uma identidade positiva, sem que haja continuidade narcísica dos pais, nem contaminação ou asfixia devido a projecções dos seus desejos e necessidades insatisfeitos (Alarcão, 2006).

O que é, então, a parentalidade? Pais e mães influenciam o desenvolvimento da criança, sendo o factor biológico muito visível, já que os pais contribuem geneticamente para aquilo que a criança irá ser (Bornstein & Cheah, 2006). Para além das influências genéticas, a relação entre pais e filhos surge como fundamental, sendo identificada como um factor familiar significativo nas variações em termos de normalidade no desenvolvimento emocional, comportamental e social da criança (Cox & Paley, 1997, Paley et al., 2000, Waters & Cummings, 2000, todos cit. in Lifford, Harold & Thaper, 2007).

Mas as influências que se exercem entre pais e filhos são recíprocas. Isto é, quando nascem, as crianças vêm alterar, para sempre, os hábitos de dormir, de comer e de trabalhar dos seus pais, mudando aquilo que eles são e o modo como se definem. Assim, a parentalidade é caracterizada pelo seu carácter dinâmico, dado que a rapidez e clareza das mudanças ocorridas na infância provocam nos pais, ao mesmo tempo, fascínio e disposição para a acção, a fim de dar resposta ao que lhes é exigido. Na verdade, ocorrem nas crianças importantes alterações em inúmeros domínios, quer ao nível do sistema nervoso, quer do corpo ou das capacidades sensoriais e perceptivas. Além disso, são desenvolvidas capacidades como a compreensão e a comunicação, emergindo, ao mesmo tempo, características e estilos pessoais e sociais. Cada um destes domínios, em desenvolvimento nas crianças, influencia a parentalidade, sendo que esta, por sua vez, também afecta a dinâmica com que estes desenvolvimentos se processam (Bornstein, 2002).

Holden (1997, cit. in Bornstein & Cheah, 2006) identifica mais de trinta variáveis empíricas que influenciam a parentalidade. No entanto, alguns desses factores adquirem uma importância particular (Belsky, 1984, Bornstein, 2002, Bronfenbrenner & Morris, 1998, Luster & Okagaki, 2005,

todos cit. in Bornstein & Cheah, 2006), incluindo os processos biológicos e os atributos da personalidade dos pais, as características actuais ou percebidas das crianças, as influências contextuais, o *background* familiar, o estatuto socioeconómico e a cultura (Bornstein, 2002, cit. in Bornstein & Cheah, 2006).

Assim, quando nasce um filho, são os pais os principais responsáveis pelo seu desenvolvimento, pelo que ganham relevo algumas características da sua personalidade, como sendo a adaptação, com destaque para a resolução de problemas de forma eficaz, não ansiosa, persistente e flexível. Além disso, destaca-se a capacidade que os pais poderão ter para o desenvolvimento de relações positivas sustentadas, caracterizadas por empatia e mutualidade, além do auto-desenvolvimento parental, que permitirá aos pais transmitir autonomia e confiança. Finalmente, o facto de os pais estarem envolvidos em experiências positivas, como o casamento, pode traduzir-se numa maior facilidade na expressão de afectos negativos e resolução de conflitos, a qual pode ser muito visível, igualmente, no seu papel de pai e mãe (Heinicke, 2002).

Por outro lado, as famílias podem ter, na sua essência, alguns factores considerados de risco ou, pelo contrário, protectores, para o desenvolvimento de perturbações comportamentais e emocionais em crianças (Buchanan, 2002, cit. in Gaspar & Paiva, 2001). Como factores de risco podem ser consideradas as adversidades familiares (com destaque para a pobreza, a violência conjugal, o alcoolismo, entre outros), o conflito com e entre os pais, a supervisão inconsistente, ou uma parentalidade que se pontue como inflexível/autoritária/punitiva. Por sua vez, como factores de protecção podem ser apontados a boa relação com os próprios pais, avós e família alargada, que constituam uma fonte de auxílio, a ausência de tensões em casa, o envolvimento familiar em actividades, o envolvimento do pai em tarefas domésticas e educativas, a parentalidade positiva (onde se destaca o encorajamento verbal, o elogio, o reforço, bem como o recurso a incentivos) e, finalmente, o facto de a criança crescer na família onde nasceu (Gaspar & Paiva, 2001).

Apesar de todos os factores de risco que possam existir, de acordo com uma perspectiva sistémica acredita-se que todas as famílias são competentes, isto é, que todas têm capacidade para superar os desafios. No entanto, esses desafios são complexos e pode ser difícil lidar com eles. Refira-se, a este propósito, que os nossos dias são caracterizados por modificações importantes a nível social e familiar, como a indefinição do papel de mãe/pai, a diminuição do tempo passado em família, as maiores exigências no trabalho e na escola, que acarretam sentimentos de incerteza, culpa, medo e angústia, em muito associados à vivência da parentalidade (Marujo & Neto, 2000, cit. in Ribeiro, 2003).

Acresce que, hoje em dia, os pais dispõem de um sem fim de informações vindas de diferentes meios (profissionais, comunicação social, rede social de apoio), existindo uma multiplicidade de artigos na imprensa e em revistas de larga divulgação relacionados com o comportamento e o desenvolvimento da criança (Medway, 1989, cit. in Ribeiro, 2003), que se

por um lado podem ajudá-los nas suas tarefas parentais, por outro poderão aumentar o desafio quanto à possibilidade de ser um bom pai / uma boa mãe. Além disso, existe um crescente conhecimento ao nível da Psicologia, sobretudo no que concerne às relações precoces e estilos parentais, bem como ao impacto da parentalidade ao nível do desenvolvimento da criança (Ribeiro, 2003).

Estas circunstâncias parecem reflectir o reconhecimento da sociedade face à importância que a parentalidade e o sentimento de competência dos pais adquirem para o futuro da criança.

1.1.1 Estilos Parentais

De todos os aspectos relacionados com a parentalidade, os estilos parentais constituem a variável mais estudada (Steinberg, 2001, Wood, McLeod, Sigman, Hwang, & Chu, 2003, todos cit. in Aunola & Nurmi, 2005).

Darling e Steinberg (1993) consideram um estilo parental como sendo um constructo global que reflecte o clima emocional entre pais e filhos. Além disso, são considerados como uma configuração de atitudes e comportamentos dos pais em relação aos seus filhos, exibida em muitas e diferentes situações. Por outro lado, a forma como os pais percebem os seus filhos pode reflectir-se nos seus estilos parentais (e.g., Baumrind, 1967; Becker, 1964; Darling & Steinberg, 1993; cit. in Van Werkhoven, Londen, Stevens, 2001).

No estudo da temática dos estilos parentais, alguns autores destacam a avaliação de três componentes, sendo eles: a) a relação emocional entre pai/mãe e filho(a), b) as práticas e comportamentos parentais, e c) o sistema de crenças dos pais (Darling & Steinberg, 1993).

De acordo com a conceptualização de Baumrind (1971), num estilo parental estão incluídas as atitudes parentais, os valores, as crenças acerca do desenvolvimento, bem como as práticas a que os pais recorrem com os seus filhos. Quando os aspectos descritos se mantêm e tornam estáveis, diferentes estilos parentais podem emergir (Darling & Steinberg, 1993). Assim, alguns domínios da parentalidade, como sendo os modos preferenciais de comunicação, os níveis de responsividade ou de controlo, podem ser combinados de forma a criar um estilo parental idiossincrático (Fite, Stoppelbein, & Greening, 2009).

Outros autores há que fazem a distinção entre práticas parentais e estilos parentais, sendo que as primeiras dizem respeito ao que os pais fazem (como por exemplo, abraçar, conversar, etc.), e os segundos estão relacionados com o modo como o fazem, ou seja, se é com proximidade, hostilidade, etc. (Flouri, 2008). É defendido que as práticas parentais são variadas conforme as situações, enquanto os estilos parentais são independentes das situações, evidenciando-se num grande espectro de interações entre pais e filhos (Keith & Christensen, 1997, cit. in Oliveira, Martin, Pires, Frizzo, Ravanello & Rossato, 2002).

Nos estilos parentais, a literatura considera, habitualmente, a existência de três dimensões (Hart et al., 2003, Schaefer, 1965, todos cit. in

Aunola & Nurmi, 2005), sendo elas: a *afectividade* (relacionada com a responsividade, o envolvimento e o suporte), que diz respeito à ligação dos pais com a criança e à proximidade da interação (Galambos et al., 2003, Wood et al., 2003, cit. in Aunola & Nurmi, 2005); o *controle comportamental* (onde se destaca a monitorização e o estabelecimento de limites), que está relacionado com a regulação do comportamento da criança através da disciplina firme e consistente (Barber, 1996, Galambos et al., 2003, cit. in Aunola & Nurmi, 2005); e o *controle psicológico* (amor, sentimentos de afastamento e culpa), que se prende com o controlo parental das emoções e comportamentos das crianças em termos psicológicos (Barber, 1996, cit. in Aunola & Nurmi, 2005). A investigação tem demonstrado que a maior ou menor contribuição de cada uma destas três dimensões está associada à maior ou menor possibilidade de ocorrência de problemas comportamentais em crianças e adolescentes. Exemplificando, um nível elevado de controlo comportamental parece estar relacionado com baixos níveis de problemas de comportamento externalizantes (Gray & Steinberg, 1999, Siequeland et al., 1996, cit. in Aunola & Nurmi, 2005).

Baumrind (1966, 1971, 1973) destaca a existência de três estilos parentais e procura, igualmente, compreender os efeitos do controlo parental e proximidade emocional dos pais sobre o comportamento de uma criança (tal como será apresentado no capítulo seguinte). Descreve, assim, os seguintes estilos parentais:

- *Estilo autoritário (authoritarian)*, em que os pais enfatizam a existência de limites e desencorajam a independência (Baumrind, 1973). Estes pais têm níveis elevados de controlo/firmeza e baixos de proximidade emocional, moldando o comportamento das crianças através do estabelecimento de normas. Os seus filhos devem ouvi-los sem discutir, e qualquer desvio da parte deles é motivo para uma punição, muitas vezes física (Baumrind, 1966, 1971). Assim, no estilo destes pais destacam-se o rigor, a severidade e o estabelecimento de limites que os seus filhos devem seguir (Baumrind, 1971), além da hostilidade verbal e das restrições (Robinson et al., 1995, cit. in Williams et al., 2009). Os filhos não são autorizados a dar a sua opinião, havendo pouca oportunidade para pensar sobre as situações, ou recorrer ao raciocínio (Baumrind, 1967, Buri, 1991, cit. in Knight et al., 2000).

- *Estilo permissivo (permissive)*, em que os pais são, normalmente, passivos, impondo poucos limites (Baumrind, 1973), embora se preocupem com a segurança dos seus filhos (Baumrind, 1978). Possuem níveis baixos de controlo e elevados de proximidade, fazendo poucos pedidos, pelo que são os filhos quem organiza as suas actividades. Além disso, não é habitual recorrerem à punição e têm dificuldade em impor práticas disciplinares ou regras, pelo que os filhos podem facilmente sair-lhes do controlo (Baumrind, 1966, 1971). De referir que, além de uma disciplina vaga e inconsistente, o mau comportamento da criança é ignorado, o que leva estes pais a não ter confiança na sua parentalidade (Robinson et al., cit. in Williams et al., 2009).

- *Estilo democrático (authoritative)*¹, em que os pais estabelecem, de

¹ Também referido como autoritativo ou autorizado

forma clara, as regras, embora encorajem à independência (Baumrind, 1973). Estes pais têm níveis elevados de controlo e de proximidade emocional, esperando que, com os seus filhos, haja lugar para “dar e receber”. Além de discutirem os problemas com eles e de explicarem as razões que estão na base das suas directivas, têm em conta o que eles dizem. Porém, quando necessário, também aplicam estratégias disciplinares de forma firme, sem recurso à punição (Baumrind, 1966, 1971), com destaque para a comunicação clara de expectativas, o raciocínio e a participação democrática (Williams et al., 2009).

Aos estilos parentais descritos por Baumrind (1966, 1971, 1973, 1978), Maccoby e Martin (1983) acrescentaram os estilos *Negligente* e *Indulgente*, que consistem em subdivisões do estilo permissivo. No estilo *Negligente*, os pais, além do baixo controlo, também apresentam níveis baixos de proximidade emocional, estando mais preocupados com as suas próprias vidas. Mantêm os seus filhos à distância, respondendo apenas às suas necessidades básicas. Além disso, estes pais são caracterizados por um baixo grau de estrutura e de suporte, não estabelecendo regras de conduta, nem tão pouco estando interessados no desenvolvimento dos seus filhos (Van Werkhoven, Londen, Stevens, 2001). São caracterizados pelo desapego aos seus filhos, passando um tempo mínimo em interacção com eles (Fite, Stoppelbein & Greening, 2009). Já no estilo parental *Indulgente*, há uma combinação entre baixo controlo e alta responsividade, não estabelecendo estes pais limites ou regras e sendo muito tolerantes (Maccoby & Martin, 1983). Para Steinberg, Blatt-Eisengart e Cauffman (2006), caracterizam-se, sobretudo, por não serem firmes com os seus filhos mas, ainda assim, desenvolverem uma proximidade emocional.

Numa tipologia que desenvolveu posteriormente, Baumrind (1989, cit. in Salvador, 2003) determinou a existência de quatro padrões comportamentais dos pais, sendo eles o *envolvido*, o *restritivo*, o *indulgente* e o *não envolvido*, que deram origem à identificação de nove tipos de pais. Relativamente ao *padrão parental envolvido*, podem ser encontrados os seguintes tipos: 1) *pais autorizados*, responsáveis por impor regras, mas respeitando a autonomia e independência dos filhos; 2) *pais tradicionais*, em que pai e mãe dividem os papéis entre si (por exemplo, mãe pouco exigente e pai muito exigente); 3) *pais exigentes* que, além da exigência característica, são também pouco responsivos. No que concerne ao *padrão parental restritivo*, este apenas inclui o padrão comportamental *autoritário*, caracterizando os pais como convencionais e incentivadores da obediência. No *padrão parental indulgente* destacam-se: 1) *pais permissivos*, que manifestam comportamentos pautados pela pouca coerção e convencionalidade; 2) *pais democráticos*, que são muito responsivos e moderadamente exigentes; 3) *pais indiferenciados*, que não têm características específicas para pertencerem a outra categoria. Finalmente, no *padrão parental não envolvido*, são destacados: 1) *pais não directivos*, caracterizados pela sua pouca exigência e responsividade; e os 2) *pais rejeitantes /negligentes*, que podem abandonar ou negligenciar os seus filhos.

No contexto dos seus estudos sobre o temperamento infantil, Chess e Thomas (1987, cit. in Kristal, 2005) desenvolvem uma tipologia diferente, na qual distinguem seis estilos parentais: *seguro*, *inseguro*, *intimidado*, *sobre-interpretativo*, *vitimizado* e *patológico*. Os pais *seguros* sentem-se confiantes nas suas responsabilidades, dando-se oportunidade para mudar quando cometem erros. Estes pais, tal como os democráticos, trabalham com os seus filhos para o aumento das interações entre ambos, além de reconhecerem os seus erros e mudarem os métodos a que recorrem. Para os pais *inseguros*, ser pai é uma tarefa difícil, e qualquer dificuldade que exista com a criança é considerada por eles como sua culpa. Os pais *intimidados*, tal como os permissivos, não conseguem dizer “não”, podendo isso advir do facto de se sentirem culpados por não passarem tempo com os seus filhos por motivos de trabalho, ou do facto de não saberem lidar com reacções mais intensas dos filhos, acabando por lhes dar tudo. Os pais *sobre-interpretativos* criam explicações psicológicas complexas para o comportamento da criança. Quanto aos pais *vitimizados*, seguem todas as instruções a fim de garantirem a saúde dos seus filhos, apesar de poderem ter problemas devido ao temperamento que eles apresentem. Os pais *patológicos*, por fim, possuem um problema psiquiátrico que interfere com a sua parentalidade, como é o caso de pais deprimidos.

Neste contexto, torna-se importante referir que os estilos parentais não são imunes à possibilidade de mudança, podendo um pai mais flexível mudar o seu estilo parental para se ajustar às características do seu filho (Kristal, 2005).

Expostas diferentes tipologias no que diz respeito aos estilos parentais, é importante referir que a adopção de diferentes estratégias/estilos por parte dos pais pode ter um impacto maior ou menor sobre o comportamento da criança. Esta temática será exposta mais adiante, no tópico 1.2 deste enquadramento.

1.1.2 Sentido de Competência Parental

Tal como acontece em outras áreas do desenvolvimento humano, também o sentido de competência e eficácia em papéis sociais é desenvolvido com a experiência. Assim, é normal que o sentido de competência seja mais baixo em períodos de transição, já que o sujeito se encontra perante novas experiências e aprendizagens, no contexto das quais aplica novas competências. Por conseguinte, é a familiaridade, a repetição e a mestria que levam a que a auto-percepção de eficácia e competência aumentem (Bandura, 1982; Harter, 1985; Ohan, Leung & Johnston, 2000, todos cit. in Zayas, Jankowski & McKee, 2005). É neste contexto que ganham relevo todas as alterações que se concretizam quando se dá a transição para a parentalidade, entre as quais se destaca o ajustamento dos pais ao seu novo papel e o modo como se sentem mais ou menos confiantes e eficazes no exercício desse papel, isto é, o seu sentido de competência parental.

São diferentes as perspectivas no que concerne ao ajustamento à parentalidade, sendo que alguns autores salientam o seu carácter positivo,

dada a oportunidade de mudança e desenvolvimento que constitui para os pais (Deutsch, 1945, cit. in Heinicke, 2002), enquanto outros o encaram como um período de crise (Bibring, Dwyer, Huntington & Valenstein, 1961; Hill, 1949; cit. in Heinicke, 2002). É nesta segunda perspectiva que LeMasters (1957, cit. in Cowan, Cowan, Heming & Miller, 1991) refere que a transição normativa para a parentalidade, apesar de ser vista como um momento de optimismo e alegria, é também encarada como um momento de esforço para os pais, sendo uma fonte de stress para o casal e o seu casamento.

Num estudo realizado por Moura-Ramos, Canavarro, Araújo, Oliveira e Monteiro (2005), é constatado que a transição para a parentalidade parece ter impacto negativo no grau de satisfação percebido relativamente à relação conjugal. Refira-se, contudo, que quanto mais positivamente os pais avaliam a sua relação conjugal, melhor a adaptação a essa transição, vigorando sentimentos como felicidade, realização e competência e desenvolvendo-se uma melhor relação com o filho.

Os estudos empíricos mostram que ser bom pai e boa mãe se relaciona com características psicológicas saudáveis dos pais, tais como níveis baixos de neuroticismo, altos de extroversão, amabilidade, abertura à experiência e conscienciosidade, bem como níveis elevados de auto-estima e *locus* de controlo interno. Assim, estes indivíduos são considerados como mais capazes de cuidar dos seus filhos, oferecendo-lhes maior suporte, sensibilidade, bem como maior estimulação intelectual (Belsky & Barends, 2002).

As mudanças que a transição para a parentalidade acarreta são acompanhadas pela construção de uma imagem do novo progenitor acerca do seu papel como pai/mãe, ou seja, sobre o sentido de competência, satisfação ou auto-eficácia com a parentalidade.

Sabatelli e Waldron (1995) referem que o sentido de competência parental provém de uma interpretação subjectiva elaborada pelos pais. Nesta interpretação, os pais avaliam a sua competência de acordo com as expectativas que tinham para o desempenho da sua parentalidade. Além disso, os autores acrescentam que a satisfação com a parentalidade pode ser usada para caracterizar a atitude dos pais em relação às responsabilidades que o exercício daquela acarreta.

Desta forma, o estudo das variáveis da parentalidade passou a incluir as cognições parentais. Assim, quando os pais desenvolvem, a nível cognitivo, uma justificação para o modo como exercem a sua parentalidade, isso pode ajudá-los a interpretar as respostas comportamentais dos filhos e a formular guias para as suas acções parentais (Demick, 2002). É neste sentido que Wentzel (1998, cit. in Sigel & McGillicuddy-De Lisi, 2002) defende que as crenças parentais são uma fonte importante no que concerne ao estabelecimento de objectivos dos pais, definidos como aspirações que organizam os seus comportamentos para atingir um determinado fim.

A auto-estima parental engloba a auto-eficácia percebida como pai/mãe e a satisfação derivada da sua parentalidade. A auto-eficácia é um constructo cognitivo que diz respeito a um conjunto de crenças relativamente

à capacidade de realizar eficazmente uma determinada tarefa, referindo-se ao grau em que um pai/mãe se sente competente e confiante quando lida com os problemas dos seus filhos (Johnston & Mash, 1989). Trata-se, pois, do sentido de competência que uma mãe/pai tem no seu papel parental, bem como a sua percepção quanto à capacidade de influenciar positivamente o comportamento e o desenvolvimento dos seus filhos (Coleman & Karraker, 2000, cit. in Knoche, Givens, & Sheridan, 2007). Crenças maternas de auto-eficácia mostram estar relacionadas com comportamentos maternos efectivos e com o comportamento das crianças (Bondy & Mash, 1999, Coleman & Karraker, 2003, Coleman et al., 2002, todos cit. in Knoche, Givens, & Sheridan, 2007). Assim, um pai ou uma mãe com níveis elevados de percepção de auto-eficácia parecem envolver-se mais em comportamentos parentais positivos (Coleman & Karraker, 2000; Raikes & Thompson, 2005; Teti & Gelfand, 1991, cit. in Knoche, Givens, & Sheridan, 2007). Por este motivo, uma percepção de auto-eficácia elevada pode afectar directamente uma criança, uma vez que estes pais dão mais atenção aos seus filhos e concretizam interacções mais activas e directivas. Pelo contrário, níveis baixos de percepção de auto-eficácia podem estar associados a depressão nos pais, altos níveis de stress, problemas comportamentais na criança, comportamentos parentais defensivos e controladores, entre outros (Coleman & Karraker, 2000).

Um aspecto que pode influenciar o sentido de competência parental diz respeito às atribuições parentais sobre as crianças. Estas atribuições surgem como resultantes da experiência, influenciadas pela história precoce dos adultos, quer dentro da família, quer na cultura onde se inserem (Bugental & Happaney, 2002). Neste contexto, a forma como os pais processam ou interpretam os comportamentos das crianças é destacada como tendo uma grande influência no comportamento parental e no comportamento e desenvolvimento futuro da criança (Johnston & Patenaude, 1994).

O *Modelo Contextual da Competência Parental*, desenvolvido por Belsky (1984), tem como principal premissa que o funcionamento parental é multideterminado: pelo indivíduo em si (a sua história de desenvolvimento e personalidade), pela criança (as suas características, como o temperamento ou a idade) e pelo contexto social mais amplo (relação conjugal, relações sociais e actividade profissional, que podem funcionar como fontes de stress ou de suporte). A interacção entre estas variáveis é determinante no funcionamento dos pais, podendo torná-los mais ou menos competentes, e influenciando, igualmente, os seus filhos. De acordo com este modelo, a história de desenvolvimento individual, nomeadamente as relações que foram estabelecidas com os seus próprios pais e outros significativos, determinam de forma decisiva o significado e a vivência da parentalidade.

No que concerne à satisfação parental, esta diz respeito à qualidade do afecto associada com a parentalidade ou ao grau de satisfação decorrente desse papel. Desta forma, baixos níveis de eficácia percebida pelos pais podem resultar em auto-culpabilização e depressão, e consequente diminuição na satisfação com o papel parental (Johnston & Mash, 1989).

Para Sabatelli e Waldron (1995), a satisfação parental está relacionada com a atitude dos pais sobre as responsabilidades que o exercício da parentalidade acarreta.

Por tudo o que foi elucidado, pode concluir-se que o sentido de competência parental tem importantes implicações no modo como os pais se relacionam com os seus filhos e no desenvolvimento destes. Esta temática será explorada no tópico seguinte deste enquadramento.

1.2 A parentalidade e o comportamento da criança

O modo como os pais exercem a sua parentalidade, tal como foi explicitado, tem impacto sobre a criança. Por outro lado, as características da criança influenciam, igualmente, o comportamento, as práticas e a autoconfiança parentais. É, pois, importante não esquecer que estes processos se pontuam por uma causalidade circular, através da qual os vários subsistemas se influenciam mutuamente, ou seja, uma pequena mudança num deles provocará mudança em todo o sistema.

Neste sentido, torna-se saliente que o bom ajustamento entre os estilos parentais e as características da criança é fundamental para o bom funcionamento do sistema. Tal como referem Chess e Thomas (1987, cit. in Kristal, 2005), o desenvolvimento psicológico de uma criança não é apenas determinado pelo estilo parental, ou pelo estilo da criança, havendo também destaque para o encontro dos dois. Assim, ao tentarmos compreender que factores no ambiente familiar contribuem para o comportamento da criança, torna-se relevante a importância que as relações familiares e os padrões de interacção adquirem no desenvolvimento infantil, incluindo o funcionamento patológico (Stubbe, Zahner, Goldstein, & Leckman, 1993; cit in Daley, Snouga-Barke, & Thompson, 2003).

Existem diferentes factores que influenciam o desenvolvimento da criança, como sendo as suas características inatas (temperamento, etc.), os recursos ambientais (características dos pais, circunstâncias familiares, características da vizinhança) e a interacção entre ambos (Knoche, Givens, & Sheridan, 2007).

Em larga medida, é a família quem determina se os comportamentos da criança são adequados (recompensando-os ou encorajando-os) ou inadequados (suprimindo-os ou punindo-os), pelo que os modelos parentais, as expectativas e os métodos educativos determinam a abrangência de comportamentos da criança, tais como as suas atitudes e objectivos. Desta forma, os estilos parentais têm diferentes influências no desenvolvimento de algumas características da criança/adolescente, bem como o seu desenvolvimento social, cognitivo, emocional, filiação e sentimento de pertença ao grupo de pares e desempenho académico, actuando ora como factor de risco, ora como factor de protecção (Baptista, 2000, cit. in Camacho & Matos, 2008).

Assim, um estilo de parentalidade pobre, caracterizado por uma disciplina negativa e ausência de conformidade emocional, parece estar relacionado com um maior risco de desenvolvimento de problemas de conduta na criança (Patterson, 1982, Webster-Stratton, 1985, cit. in Webster-

Stratton & Hammond, 1999).

Além disso, um elevado controlo e exigência parentais, associados a rejeição e hostilidade, podem determinar algumas características das crianças, como uma baixa auto-estima, *locus* de controlo externo e agressividade (Castro, Pablo, Toro, & Valdés, 1999). Isto porque, quando os pais se confrontam com a presença de problemas comportamentais nos seus filhos, recorrem preferencialmente a estratégias de controlo e não a estratégias preventivas, o que pode perpetuar a existência de um padrão transaccional coercivo (Patterson, Reid, & Dishion, 1992, cit. in Cunningham & Boyle, 2002; Keown & Woodward, 2002).

Estudos em que se comparam amostras de populações clínicas e não clínicas (Delfini, Bernal, & Rosen, 1976, Lobitz & Johnson, 1975, Patterson, 1976, Snyder, 1977, todos cit. in Arnold, O'Leary, Wolff, & Acker, 1993; Hynan, 2006) observam que os pais de crianças agressivas, anti-sociais e com comportamentos desadequados são mais submissos, ambíguos e inconsistentes nas suas respostas aos problemas comportamentais. Ao mesmo tempo, reforçam o comportamento de oposição, uma vez que lhe dão mais atenção (Arnold et al., 1993). Também num estudo realizado por Johnston e Patenaud (1994) sobre uma amostra de pais de crianças com Perturbação de Hiperactividade e Défice de Atenção, conclui-se que estes tendem a apresentar mais reacções negativas perante comportamentos de crianças mais difíceis.

No que concerne a estilos parentais positivos, estes são caracterizados por uma comunicação parental dominada pela proximidade emocional, explicações verbais claras, estabelecimento de limites moderados e realistas, consequências em vez de punição física, consistência razoável e envolvimento, reflectindo-se em elevada auto-estima, bons resultados escolares e boas competências sociais por parte das crianças (Karpowitz, 2001; Castro, Pablo, Toro, & Valdés, 1999). Através do seu comportamento, estes pais criam também condições para incrementar a capacidade de regulação da reactividade emocional nas crianças (Keown & Woodward, 2002; Finzi-Dottan, Manor, & Tyano, 2006; Daley & Thompson, 2007).

Os estudos empíricos orientados para a compreensão das relações entre parentalidade e desenvolvimento infantil têm confirmado que uma parentalidade positiva e construtiva pode reduzir a probabilidade de se desencadarem problemas de comportamento em amostras de risco (Gardner et al., 1999, Holden & Hawk, 2002, Russell & Russell, 1996, todos cit. in Psychogiou et al., 2008), bem como a sua persistência (Denham et al., 2000, cit. in Psychogiou et al., 2008). Na verdade, vários estudos (cit. in Psychogiou et al., 2008) têm demonstrado que uma parentalidade positiva e proactiva está associada a melhores competências sociais e relações com os pares, diminuindo os problemas de conduta, agressividade e delinquência.

No que diz respeito aos estilos parentais descritos anteriormente, tendo em conta a tipologia de Baumrind, é de referir que, em crianças em idade pré-escolar, o estilo democrático dos pais é aquele que se encontra mais associado a níveis elevados de responsabilidade social, interacções positivas com os pares, cooperação com os adultos e independência nas

crianças (Baumrind, 1973). Além disso, alguns investigadores destacam efeitos positivos do estilo democrático, comparativamente com o autoritário e permissivo, sobre diversos aspectos do funcionamento da criança, como sendo a competência psicológica, o funcionamento adaptativo, a auto-estima, a auto-resiliência e a competência/ajustamento académicos (Carlson, Uppal, & Prosser, 2000, Furnham & Cheng, 2000, Lamborn, Mourts, Steinberg, & Dornbusch, 1991, Steinberg, Elmen, & Mourts, 1989, Steinberg, Lamborn, Darling, Mourts, & Dornbusch, 1994, todos cit. in Ang, 2006). Estas crianças são, igualmente, mais auto-confiantes, auto-controladas, eficazes nas interações sociais, sendo melhor ajustadas que as crianças educadas de acordo com outros estilos parentais (Kristal, 2005). Além disso, o estilo democrático está associado a auto-percepções positivas, enquanto o autoritário se associa a um auto-conceito negativo (Buri, Loiselle, Misukanis, & Mueller, 1988, Klein, Bryant, & Hopkins, 1996, Lamborn et al., 1991, Powlak & Klein, 1997, todos cit. in Ang, 2006).

Demonstrou-se, por outro lado, a existência de uma associação negativa entre o estilo parental democrático e os problemas de internalização e de externalização na infância e adolescência (Steinberg et al., 1994, 2006, cit. in Williams et al., 2009), ao contrário dos estilos permissivo e autoritário, cuja relação com angústia interna, perturbações de conduta e comportamentos delinquentes foi, igualmente, destacada (Querido et al., 2002; Thompson et al., 2003, cit. in Williams et al., 2009). Assim, um estilo parental democrático parece poder reduzir os riscos associados a diferentes características e problemas comportamentais, enquanto os estilos permissivo e autoritário podem aumentar esses riscos (Propper & Moore, 2006; Wood et al., 2003, cit. in Williams et al., 2009). Esta associação entre o estilo parental democrático e a menor incidência de problemas disruptivos foi posta em relevo por Querido e colaboradores (2002, cit. in Williams et al., 2009), em crianças pré-escolares. Também Hastings e colaboradores (2005, cit. in Williams et al., 2009) referem que o género, a inibição comportamental e a parentalidade democrática predizem o comportamento pró-social aos 4 anos.

Pelo contrário, as crianças filhas de pais autoritários tendem a apresentar uma auto-estima mais fraca, podem ter insucesso escolar e ser muito dependentes, além de poderem reagir com hostilidade para com os pares (Kristal, 2005). Já os filhos de pais com um estilo parental permissivo apresentam uma taxa elevada de abuso de substâncias, mau comportamento escolar, sendo menos comprometidos e positivamente orientados para a escola (Lamborn et al., 1991, cit. in Ang, 2006). Assim, a permissividade está igualmente ligada a problemas de comportamento em crianças (Arnold & O'Leary, 1997). Também as crianças cujos pais sejam abusivos fisicamente, ou altamente críticos e hostis, à semelhança daquelas cujos pais sejam desinteressados e promovam uma baixa estimulação cognitiva, podem estar mais vulneráveis a Perturbações de Conduta (Webster-Stratton, 1998).

Em suma, tem sido evidenciado pela investigação que as crianças que crescem num ambiente familiar democrático são mais competentes a nível psicossocial, melhor sucedidas na escola e menos sujeitas a desenvolver problemas de comportamento internalizante ou externalizante do que os seus

pares que se desenvolvem em ambientes autoritários, indulgentes ou negligentes (Steinberg, 2001, cit. in Steinberg, Blatt-Eisengart, & Cauffman, 2006).

Neste contexto, é importante que os pais tenham conhecimento, desde cedo, do nível de eficácia ou ineficácia das várias estratégias de disciplina, no sentido de poderem implementar aquelas que se sabe serem mais positivas para um desenvolvimento harmonioso da criança (Arnold et al., 1993).

Além disso, e no que diz respeito à satisfação parental, demonstrou-se que existe uma forte relação entre esta e o resultado clínico de intervenções em saúde mental realizadas com crianças e adolescentes. Assim, a satisfação parental está relacionada com a melhoria dos sintomas apresentados pela criança e, em consequência, com o sucesso da terapia (Rey, O'Brien, & Walter, cit. in Alves, 2008).

Mas as influências que dentro de uma família se exercem entre pais e filhos não são unidireccionais. Embora exista consideravelmente menos investigação relativa ao modo como as características dos filhos afectam os seus pais é, hoje em dia, reconhecido que a criança tem um papel preponderante nas variáveis relacionadas com a parentalidade (Psychogiou, Daley, Thompson, & Snouga-Barke, 2008).

A este respeito, Belsky, Robin e Gamble (1984, cit. in Moura-Ramos, 2006) destacam o temperamento, a saúde, a idade e o género das crianças como características que podem ter influência no comportamento dos seus pais.

O temperamento constitui a característica da criança que recebeu mais atenção da investigação, no que diz respeito à sua influência no funcionamento parental (Bates, 1980, cit. in Belsky, 1984). Neste contexto reconhece-se que o temperamento da criança, definido por Thomas e Chess (1996) como o aspecto estilístico ou o “como” do comportamento, pode influenciar as atitudes e comportamentos dos pais em relação a ela.

Nos estudos longitudinais realizados por Thomas e Chess (1996) surgiu a evidência de que as características comportamentais das crianças podiam ser agrupadas segundo três constelações: o temperamento fácil, o temperamento difícil e o temperamento de “aquecimento lento” (*slow-to-warm-up*). Na primeira constelação, o comportamento das crianças é caracterizado pela sua regularidade, por uma aproximação positiva a novos estímulos e por uma grande adaptabilidade à mudança. A constelação comportamental das crianças com temperamento difícil caracteriza-se pela irregularidade nas funções biológicas (sono, refeições, etc.), ausência de adaptação à mudança e expressão intensa de humor, muitas vezes negativo. Por fim, nas crianças com temperamento de “aquecimento lento”, existe uma combinação de respostas negativas de intensidade moderada no que respeita a novos estímulos, com uma lenta adaptabilidade após repetidos contactos². Neste contexto, é conhecido o modo como um temperamento mais difícil, sobretudo na infância, pode debilitar o funcionamento parental, tornando

²Apesar da extrema relevância do estudo do temperamento da criança, um maior aprofundamento desta temática encontra-se fora do âmbito do presente trabalho.

algumas crianças mais difíceis de cuidar (Belsky, 1984). Consequentemente, uma criança que tenha um temperamento considerado difícil e reactivo, pode ter uma menor qualidade de protecção dos cuidadores do que uma criança que possua atributos temperamentais considerados mais fáceis (Finzi-Dottan, Manor, & Tyano, 2006).

Verificou-se, igualmente, que crianças com grande inibição comportamental (aquelas que são classificadas de “aquecimento lento”, de acordo com Thomas e Chess) podem levar os outros a protegê-las mais, podendo esta protecção levar à manutenção do seu comportamento de inibição (Mills & Rubin, 1993, cit. in Williams et al., 2009).

O temperamento da criança, sobretudo quando apresenta características extremas, pode também mediar os efeitos dos estilos educativos parentais sobre o comportamento infantil. Neste sentido, verificou-se, por exemplo, que o controlo parental negativo aumenta os problemas internalizantes em crianças sobre-protegidas e com níveis elevados de medo (Van Leeuwen et al., 2004; cit. in Williams et al., 2009), podendo contribuir para a ansiedade na adolescência (Van Brakel et al., 2006; cit. in Williams et al., 2009).

Alguns estudos debruçaram-se sobre o impacto sobre os pais da presença de determinados tipos de psicopatologia na criança. Neste contexto, comprovou-se, por exemplo, que o sentimento de eficácia ou controlo em pais de crianças com Perturbação de Hiperactividade com Défice de Atenção (PHDA) é menor, quando comparado com o de pais de crianças sem problemas (Sobol, Ashbourne, Earn & Cunningham, 1989). Assim, nas interacções entre membros de famílias com PHDA, denota-se a existência de mais stress em torno do papel parental (Ross & Ross, 1982 cit. in Sobol, Ashbourne, Earn & Cunningham, 1989). Além disso, as reacções negativas destes pais traduzem-se num menor grau de satisfação parental (Johnston & Patenaude, 1994) e menor sentido de auto-estima dos pais (Mash & Johnston, 1983, cit. in Sobol, Ashbourne, Earn & Cunningham, 1989). Em comparação com os pais de crianças sem PHDA, os pais de crianças com esta perturbação apresentam sentimentos de falta de confiança nas suas competências parentais, encontrando-se menos satisfeitos com o seu desempenho como pais. Lange e colaboradores (2005) referem que a angústia inerente ao facto de terem de lidar com uma criança com PHDA pode contribuir para que os pais desenvolvam problemas de saúde mental. Mesmo as mães de crianças normais em idade pré-escolar referem ter uma resposta emocional negativa e manifestar uma confiança limitada na sua capacidade de gerir os comportamentos de hiperactividade (Cunningham, 2007).

Também num estudo realizado por Cunningham e Boyle (2002), concluiu-se que as mães de crianças com sintomas de Perturbação de Oposição apresentam um sentido de competência parental mais baixo do que aquelas cujos filhos não apresentam esses sintomas.

Pelo que até aqui ficou exposto, facilmente se depreende que as influências que se exercem dentro de uma família e que condicionam o comportamento dos seus vários elementos são complexas e diversas sendo,

muitas vezes, impossível de determinar o que é a causa de quê. Neste contexto, Bronfenbrenner (1979, 1996, cit. in Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003), refere a existência de três características preponderantes nas relações dentro da família: a reciprocidade, o equilíbrio e o afecto. Tendo em conta a primeira característica, há que compreender que o que uma pessoa faz acaba por influenciar a outra, ou vice-versa. No entanto, pode acontecer que uma dessas pessoas seja mais influente que a outra. Quando isso acontece, e continua a ser estabelecida uma relação saudável e aceite por ambas as partes, tal pode ser definido como equilíbrio de poder. No caso de uma criança pequena, participar numa díade pode dar-lhe a oportunidade de aprender a lidar com relações de poder, o que sugere que o facto de conferir, de forma gradual, mais poder a uma criança, pode promover o desenvolvimento da sua autonomia. A última característica, o afecto, é estabelecida quando as relações entre uma díade são pautadas pelo seu carácter positivo e caloroso, promovendo a ocorrência de processos evolutivos de forma adaptada.

A ideia de reciprocidade e das influências mútuas nas relações familiares é particularmente realçada quando existem problemas. Assim, se ser pai/mãe de uma criança com problemas comportamentais, por um lado, pode ter um impacto negativo no seu sentido de eficácia e satisfação relativamente ao papel parental, por outro lado, um pai/mãe com baixos níveis de satisfação e eficácia também podem ser menos responsivos para com as necessidades da criança, o que pode contribuir para a existência dos problemas (Ohan, Leung, & Johnston, 2000).

Neste contexto, ganha relevo a noção de bom ajustamento (*goodness of fit*) que, segundo Chess e Thomas (1999), ocorre quando as propriedades do meio e as suas expectativas e exigências estão de acordo com as capacidades, características e estilo comportamental do organismo. O bom ajustamento deve ser sempre visto em termos dos valores e exigências de determinada cultura ou grupo socioeconómico. Para Abrams (2004), o bom ajustamento existe quando os pais se aproximam dos seus filhos de forma sensível e responsiva, dando resposta às necessidades da criança e agindo para com ela em função das suas características.

Retomando o exemplo da Perturbação de Hiperactividade e Défice de Atenção anteriormente referido, é sabido que as crianças com PHDA são caracterizadas como tendo um temperamento difícil, com reactividade negativa e pobre auto-controlo, necessitando, por isso, de uma parentalidade que lhes seja ajustada, ou seja, que respeite as suas necessidades. Porém, são muitos os estudos que indicam que, efectivamente, estas crianças são mais vulneráveis a trocas coercivas e hostis (Finzi-Dottan, Manor, & Tyano, 2006).

Num estudo realizado por Aunola e Nurmi (2005) conclui-se que são os estilos parentais que contribuem para os problemas de comportamento das crianças, mais do que o contrário, o que vai ao encontro da importância que os pais têm na socialização dos seus filhos (Maccoby, 1992, cit. in Aunola & Nurmi, 2005). Tal pode estar ligado à ideia de poder de Bronfenbrenner anteriormente exposta, segundo a qual a relação entre pais e filhos é

desequilibrada do ponto de vista do poder, sendo este exercido fundamentalmente pelos pais.

Neste contexto, deve seguir-se a premissa de que os programas de intervenção com crianças são mais eficazes quando envolvem a família (Gaspar, 1999), já que são os pais quem maior influência detém sobre o comportamento dos seus filhos. Assim, intervenções familiares direccionadas para a promoção de interacções e estilos parentais positivos podem levar ao aumento de competências reguladoras nas crianças, bem como a interacções crianças-pais mais positivas (Finzi-Dottan, Manor, & Tyano, 2006).

2. Objectivos

A presente investigação tem como principal objectivo caracterizar, na população em geral, em pais de crianças em idade pré-escolar, variáveis relacionadas com a parentalidade, nomeadamente os estilos parentais e o sentido de competência parental.

Pretende-se, igualmente, caracterizar o comportamento da criança em idade pré-escolar, no que diz respeito a comportamentos do tipo hiperactivo e de oposição.

É, ainda, objectivo investigar as relações existentes entre as variáveis relacionadas com a parentalidade (estilos parentais e sentido de competência parental) entre si, e com o comportamento da criança, tal como percebido pelos pais.

Finalmente, esta investigação também visa obter alguns dados normativos e psicométricos preliminares sobre os instrumentos de avaliação de variáveis relativas à parentalidade (*Escala de Estilos Parentais*; *Escala de Sentido de Competência Parental*) para a população não clínica.

Hipóteses

Partindo da literatura dedicada ao presente tema, e tendo em conta os objectivos propostos, foram estabelecidas as seguintes hipóteses:

H1. Comparando os dados obtidos na Escala de Estilos Parentais numa amostra clínica e numa amostra normativa, verificam-se níveis mais elevados de estilos disfuncionais na primeira (Arnold & O'Leary, 1997).

H2. Comparando os dados obtidos na Escala de Sentido de Competência Parental, nas suas vertentes de satisfação e de eficácia, numa amostra não-clínica com os de uma amostra clínica, verificam-se níveis mais elevados na primeira (Sobol, Ashbourne, Earn & Cunningham, 1989; Johnston & Patenaude, 1994).

H3. Verificam-se correlações positivas significativas entre comportamentos desadequados das crianças e estilos parentais negativos (Webster-Stratton, 1998; Johnston e Patenaud, 1994).

H4. Verificam-se correlações negativas significativas entre comportamentos desadequados das crianças e o sentido de competência parental, nas suas vertentes de satisfação e de eficácia (Arnold, O'Leary, Wolff, & Acker, 1993; Hynan, 2006; Bor & Sanders, 2004).

H5. Verificam-se correlações negativas significativas entre estilos parentais desadequados e o sentido de competência parental, nas suas vertentes de satisfação e de eficácia (Bor & Sanders, 2004).

3. Metodologia

3.1 Amostra

3.1.1 Selecção da Amostra

Na presente investigação, o critério de inclusão considerado na selecção dos pais para a amostra não clínica foi o seguinte: 1) deveriam ter filhos pré-escolares, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Constituíram critérios de exclusão a presença de problemas nas crianças, nomeadamente: a) problemas de comportamento do tipo externalizante (hiperactividade e/ou de oposição); b) Perturbação Global de Desenvolvimento; c) Perturbação Severa da Comunicação; d) Perturbação Neurológica; e) história conhecida de abuso físico ou sexual.

A recolha de dados foi concretizada, na sua maioria, no Centro de Saúde Fernão de Magalhães, em Coimbra, além de se ter recorrido a outros adultos disponíveis com filhos enquadrados dentro dos critérios definidos (amostra por conveniência).

3.1.2 Caracterização da Amostra

A amostra em estudo, cujas características principais se encontram sintetizadas no Quadro 1, é constituída por 124 crianças e pelos pais, que preencheram os instrumentos de avaliação. Destas crianças, 56 são do género feminino (45%) e 68 do género masculino (55%). As suas idades estão compreendidas entre os 3 e os 6 anos ($M=4.32$; $d.p.=0.83$), tendo a maioria delas entre 4 e 5/6 anos (grupos representados por 47 e 55 sujeitos, respectivamente). Os 3 anos de idade estão representados por 22 sujeitos. Dado o reduzido número de sujeitos com 6 anos (somente 7), optou-se por considerá-los conjuntamente com o grupo dos 5 anos, nas análises efectuadas. No que respeita ao estabelecimento de ensino pré-escolar frequentado pelas crianças, 56 (45%) frequentam o ensino público e 61 (49%) o ensino privado, sendo que apenas 3 (2%) sujeitos se encontram em outros locais, nomeadamente em casa, com os avós.

Para a caracterização do nível socioeconómico foi utilizada a classificação de Almeida (1988) que toma como referência a profissão e as habilitações, considerando três níveis diferentes³. Em caso de divergência

³ Os três níveis considerados na classificação de Almeida (1988) são os seguintes:

Nível socioeconómico baixo: trabalhadores assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil, empregados de balcão no pequeno comércio, contínuos, cozinheiros, empregados de mesa; empregadas de limpeza, pescadores, rendeiros, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, trabalhadores especializados da indústria (mecânicos, electricistas), motoristas; até ao 8º ano de escolaridade obrigatória.

Nível socioeconómico médio: profissionais técnicos intermédios

Quadro 1: Caracterização da amostra

Variáveis Sociodemográficas	Frequência (N)	Percentagem (%)
Género		
Feminino	56	45
Masculino	68	55
Idade		
3anos	22	18
4anos	47	38
5/6 anos	55	44
Tipo de instituição frequentada pela criança		
Ensino público	56	45
Ensino Privado	61	49
Outro	3	2
NSE		
Baixo	43	34
Médio	44	35
Alto	31	25
Escolaridade Mãe		
1º Ciclo	2	2
2º Ciclo	17	14
3º Ciclo	21	17
Secundário	30	24
Ensino Superior	48	39
Escolaridade Pai		
1º Ciclo	6	5
2º Ciclo	22	18
3º Ciclo	25	20
Secundário	24	19
Ensino Superior	42	34
Preenchimento		
Mãe	105	85
Pai	17	14
Outro	2	2

entre os dois progenitores, tomou-se como referência aquele que definia um

independentes, pescadores proprietários de embarcações; empregados de escritório, de seguros e bancários; agentes de segurança, contabilistas; enfermeiros, assistentes sociais; professores do ensino primário e secundário; comerciantes e industriais; do 9º ao 12º ano de escolaridade; cursos médios e superiores.

Nível socioeconómico elevado: grandes proprietários e empresários agrícolas, do comércio e da indústria; quadros superiores da administração pública, do comércio, da indústria e de serviços, profissões liberais (gestores, médicos, magistrados, arquitectos, engenheiros, economistas, professores do ensino superior); artistas, oficiais superiores das forças militares e militarizadas; pilotos de aviação; do 4º ano de escolaridade (de modo a incluir grandes proprietários e empresários) à licenciatura (mestrado ou doutoramento).

nível socioeconómico mais elevado. Assim, 43 (34%) destas famílias encontram-se num nível baixo, enquanto 44 (35%) pertencem já a um nível médio. Num nível socioeconómico elevado encontram-se 31 (25%) das famílias, sendo que em 7 casos (6%) não existem dados suficientes para classificar de acordo com esta tipologia.

No que diz respeito à caracterização das mães, estas apresentam idades compreendidas entre os 24 e os 42 anos, sendo a idade mais frequente os 36 anos, representada por 11 sujeitos (9%). No que respeita ao grau de escolaridade, o 1º ciclo foi completado por 2% dos sujeitos, o 2º ciclo por 14%, o 3º ciclo por 17%, o ensino secundário por 24% e o ensino superior por 39%. Relativamente ao estado civil, a maioria é casada (100 sujeitos, o que corresponde a 81%), 7 são solteiras (6%), 1 é viúva (1%), 5 são divorciadas (4%) e 6 vivem em união de facto (5%). Relativamente aos dados dos pais (homens) é de referir que estes têm idades compreendidas entre os 24 e os 53 anos, sendo a idade mais frequente os 37 anos (representada por 11 sujeitos, isto é, 9%). No que concerne ao seu grau de escolaridade, o 1º ciclo foi completado por 5%, o 2º ciclo por 18%, o 3º ciclo por 20%, o ensino secundário por 19% e, finalmente, o ensino superior por 34%. Relativamente ao seu estado civil, a maioria é casada (99 sujeitos, 80%), sendo 1 viúvo (1%), 7 divorciados (6%), 7 vivem em união de facto (6%) e 5 são solteiros (4%).

Refira-se que os nossos instrumentos foram preenchidos maioritariamente pelas mães (105, correspondentes a 85%), tendo alguns sido preenchidos pelos pais (17 sujeitos – 14%) ou por outros significativos (2 sujeitos – 2%).

3.2 Procedimentos e Tratamento Estatístico

No que diz respeito aos procedimentos utilizados para recolha dos dados, foram aplicados aos pais (pai ou mãe, isoladamente) a entrevista semi-estruturada e os dois questionários escolhidos para a investigação, respectivamente: a *Parent Account of Child Symptoms* (PACS, 1991); Escala de Estilos Parentais (1993); Escala para Avaliação do Sentido de Competência Parental (PSOC, 1989).

Para o tratamento estatístico desta investigação, recorreu-se ao programa *SPSS (Statistical Package for the Social Sciences, versão 17.0)*, tendo sido concretizadas as seguintes análises:

- Estatísticas Descritivas para caracterizar os resultados obtidos em cada um dos instrumentos;
- Qui-quadrados para análise de equivalência entre amostras (normativa e clínica);
- *t de student* e ANOVA para comparação de médias entre grupos;
- *Alfa de Cronbach* para avaliação da consistência interna dos instrumentos;
- *Coefficientes de Correlação* de Pearson, para estudar as relações entre os resultados obtidos nas várias subescalas de um mesmo instrumento e entre diferentes instrumentos.

3.3 Instrumentos

3.3.1 Escala de Estilos Parentais

A Escala de Estilos Parentais de Arnold, O’Leary, Wolff e Acker (1993) é composta por 30 itens, sendo utilizada para avaliar a forma como os pais recorrem a práticas disciplinares disfuncionais (Keown & Woodward, 2002). Os pais devem indicar como respondem em diferentes situações que envolvem disciplina (Collett, Gimpel, Greenson, Gunderson, 2001), sendo difícil responder de acordo com a desiderabilidade social (Karazsia, van Dulman & Wildman, 2008, Arnold et al., 1993), visto que se torna difícil compreender qual a reacção mais acertada (Arnold et al., 1993). Assim, esta é uma escala que mede a disciplina disfuncional, demorando cerca de cinco a dez minutos a completar (Arnold et al., 1993).

Uma análise factorial desta escala revelou que possui dois factores robustos: o Laxismo (*laxness*) e a Sobre-reactividade (*overreactivity*). Os 11 itens relacionados com o factor Laxismo descrevem a forma como os pais desistem, falham no estabelecimento de regras ou providenciam consequências positivas para os maus comportamentos da criança. Já os 10 itens respeitantes ao factor Sobre-reactividade dizem respeito ao grau em que o comportamento dos pais é caracterizado pela exibição de comportamentos de raiva e irritabilidade (Arnold et al., 1993). A Verbosidade (*verbosity*), factor menos robusto do questionário, é constituída por 7 itens e diz respeito à emissão pelos pais de longas respostas verbais, mesmo quando essas parecem ser ineficazes (Arnold et al., 1993).

Para cada item, os pais têm de escolher numa escala de Likert de 7 pontos, manifestando de que forma utilizam determinadas estratégias disciplinares, indo desde um extremo “ineficaz” até um extremo “eficaz” (Keown & Woodward, 2002; Arnold & O’Leary, 1997). Pontuações mais altas traduzem estilos parentais mais ineficazes.

Na sua versão original inglesa, esta escala tem sido utilizada quer com populações clínicas, quer com populações não clínicas, sendo uma boa medida de discriminação entre pais destas duas populações. As suas subescalas pautam-se por níveis de consistência interna moderados (coeficientes alfa iguais a .83, .82 e .63, respectivamente para as subescalas Laxismo, Sobre-reactividade e Verbosidade) e correlação significativa com problemas comportamentais das crianças (Arnold et al., 1993).

Nesta investigação, será utilizada a versão portuguesa do questionário, com tradução de Gaspar (2007). Até à data não existem estudos publicados sobre dados obtidos na população portuguesa.

3.3.2 Escala de Sentido de Competência Parental

A Escala de Sentido de Competência Parental (*Parenting Sense of Competence*, PSOC; Johnston & Mash, 1989) é composta por 17 itens que medem a auto-estima parental, contendo dois factores: Satisfação e Eficácia. A Satisfação diz respeito a uma dimensão afectiva que se refere à frustração, ansiedade e motivação parentais. A eficácia é uma dimensão instrumental que reflecte a competência, a habilidade na resolução de problemas e a percepção sobre o papel parental (Zayas, Jankowski & McKee, 2005; Bor,

Sanders, & Markie-Dadds, 2002).

Os pais devem decidir, através de uma escala de 5 pontos, em que grau é que cada uma das 17 afirmações que compõem a Escala se aplica a si ou não. Pontuações mais altas indicam a existência de grande satisfação e de sentimentos de eficácia (Johnston & Mash, 1989; Ohan et al., 2000, cit. in Karazsia, van Dulman & Wildman, 2008).

Na sua versão inglesa, esta escala possui uma consistência interna de .75 e .76, para as escalas de Satisfação e Eficácia, respectivamente (Karazsia, van Dulman & Wildman, 2008).

Na presente investigação é utilizada a versão portuguesa desta escala, com tradução de Seabra-Santos e Pimentel (2007).

3.3.3 Entrevista : Parent Account of Children's Symptoms (PACS)

O guião de entrevista *Parent Account of Children's Symptoms* (PACS) é uma entrevista sistemática e semi-estruturada para pais, desenvolvida para medir os problemas comportamentais das crianças, tal como são observados em casa (Taylor et al., 1987, cit. in Taylor et al., 1996). A versão utilizada no presente estudo foi a adaptada para o pré-escolar (Taylor, Sandberg, Thorley, & Gilles, de 1991; adaptação de Snouga-Bark, Lamparelli, Stevenson, Thompson, & Henry, de 1994; tradução portuguesa de Azevedo, Seabra-Santos & Gaspar, 2008). Trata-se de uma entrevista que deve ser conduzida por um entrevistador treinado, tendo por base questões detalhadas (Keown & Woodward, 2002), que são formuladas aos pais. Estes não atribuem pontuações aos problemas, mas antes fazem descrições detalhadas sobre o que os seus filhos fizeram em situações específicas na última semana. Estas situações dizem respeito a eventos externos, como ver televisão, ler um livro, brincar sozinho, brincar com amigos, ir para a cama, etc., e a comportamentos. A partir destas descrições, os entrevistadores atribuem pontuações, com base em definições objectivas dos comportamentos a cotar, numa escala de 1 a 3 ou 1 a 4 pontos (consoante os itens) relativos à severidade e à frequência desses comportamentos (Keown & Woodward, 2002).

Esta entrevista é composta por duas subescalas: *Hiperactividade* (questiona-se sobre o tempo passado numa única actividade, se a criança move partes do corpo durante as actividades, ou sobre o comportamento em algumas situações, como a hora das refeições); e *Desafio/Oposição* (diz respeito a birras, mentira, roubo, desafio, desobediência, entre outros) (Taylor et al., 1996).

4. Resultados

4.1 Escala de Estilos Parentais

4.1.1 Estatísticas Descritivas

No Quadro 2 são apresentadas as estatísticas descritivas da Escala de Estilos Parentais (Arnold, O'Leary, Wolf & Acker, 1993) para a amostra comunitária em estudo, para a amostra total e tendo em conta o género, a

idade e o nível socioeconómico, sendo descritas médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos. Neste questionário, os resultados obtidos em cada factor e no total representam médias de resultados nos itens que os compõem.

Nos resultados obtidos, verificou-se que o factor Verbosidade é aquele que apresenta um valor mais elevado na nossa amostra ($M=4.13$; $DP=0.93$), mesmo quando tendo em conta os valores obtidos por género, por idade e por nível socioeconómico, o que caracteriza os pais da nossa amostra como recorrendo mais a estratégias de disciplina caracterizadas pelo excesso de verbosidade do que a outras estratégias inadequadas. Foram também efectuadas comparações para verificar se as variáveis género (teste t de Student), idade e nível socioeconómico (ANOVA) tinham influência nos resultados obtidos, tendo-se verificado um efeito significativo do nível socioeconómico sobre o factor Verbosidade $F(2,115)=6.432$, $p < .05$. O teste *post-hoc* de Tukey permitiu verificar que as diferenças existiam entre os níveis socioeconómico baixo e elevado ($F(2,115)=.75$, $p < .01$), sendo que os valores mais elevados se encontram no nível baixo ($M=4.45$; $DP=0.89$). Apesar de não haver outras diferenças estatisticamente significativas, verificam-se diferenças acentuadas entre as médias noutras duas situações, muito aproximadas do nível de significância estatística: resultado do factor Laxismo em função da idade ($F(2, 122)=2.66$, $p=.074$), com resultados mais elevados nos 4 anos de idade ($M=3.05$; $DP=1.06$) e mais baixos nos 5/6 anos ($M=2.62$; $DP=0.83$); resultado total da escala em função do nível socioeconómico ($F(2, 114)=2.91$; $p=.058$), verificando-se resultados mais elevados no nível socioeconómico mais baixo ($M=3.56$; $DP=0.59$), relativamente ao elevado ($M=3.24$; $DP=0.61$).

Quadro 2: Estatísticas Descritivas para a Escala de Estilos Parentais

	N	M	DP	Mínimo	Máximo
EST. PARENTAIS	120	3.41	0.57	2.20	4.67
TOTAL					
Raparigas	54	3.49	0.57	2.27	4.60
Rapazes	66	3.34	0.57	2.20	4.67
3 anos	22	3.30	0.67	2.20	4.60
4 anos	46	3.56	0.54	2.30	4.67
5/6 anos	55	3.34	0.54	2.20	4.20
NSE Baixo	43	3.56	0.59	2.20	4.60
NSE Médio	42	3.37	0.52	2.30	4.27
NSE Alto	30	3.24	0.61	2.20	4.67
LAXISMO	123	2.78	0.99	1.00	5.55
Raparigas	55	2.88	0.90	1.00	5.09
Rapazes	68	2.70	1.05	1.00	5.55
3 anos	22	2.64	1.11	1.00	5.09
4 anos	46	3.05	1.06	1.00	5.55
5/6 anos	55	2.62	0.83	1.09	4.82
NSE Baixo	43	2.95	0.98	1.00	4.27
NSE Médio	44	2.67	0.94	1.27	5.18
NSE Elevado	31	2.63	1.04	1.00	5.55
SOBRE-REACTIVIDADE	123	3.40	0.82	1.60	5.50
Raparigas	55	3.50	0.80	2.00	4.80
Rapazes	68	3.32	0.84	1.60	5.50
3 anos	22	3.35	0.72	2.10	4.60
4 anos	46	3.29	0.81	1.80	4.80
5/6 anos	55	3.52	0.86	1.60	5.50
NSE Baixo	43	3.53	0.84	1.60	5.20
NSE Médio	44	3.43	0.81	1.80	4.80
NSE Elevado	31	3.25	0.78	2.00	5.50
VERBOSIDADE	121	4.13	0.93	1.86	6.14
Raparigas	54	4.23	0.93	1.86	6.14
Rapazes	67	4.06	0.94	2.29	6.14
3 anos	22	3.99	0.89	2.29	5.29
4 anos	44	4.21	0.89	2.71	6.14
5/6 anos	55	4.14	1.00	1.86	6.14
NSE Baixo	43	4.45	0.89	2.57	6.14
NSE Médio	43	4.12	0.87	1.86	5.71
NSE Elevado	30	3.69	0.92	2.57	6.14

4.1.2 Consistência Interna

O cálculo do coeficiente de alfa de Cronbach para a Escala Total permitiu chegar a um valor de .668, o que, segundo DeVellis (1991), se encontra num nível “minimamente aceitável”. Relativamente às suas subescalas, a de Laxismo é aquela que apresenta consistência interna mais elevada (alfa igual a .745), encontrando-se num nível “respeitável”, segundo o mesmo autor. As escalas de Sobre-reatividade e de Verbosidade encontram-se, respectivamente, num nível “indesejável” (.634) e inaceitável (.413).

Quadro 3: Características dos itens da Escala de Estilos Parentais: correlações item-total

	Correlação Item – total corrigido	Alfa de Cronbach retirado o item
Item 1	.238	.658
Item 2	.048	.675
Item 3	.206	.661
Item 4	.513	.629
Item 5	.062	.674
Item 6	-.061	.677
Item 7	.329	.649
Item 8	.212	.662
Item 9	.120	.669
Item 10	.201	.661
Item 11	.121	.669
Item 12	.129	.667
Item 13	.199	.661
Item 14	.109	.670
Item 15	.304	.653
Item 16	.299	.653
Item 17	.263	.656
Item 18	.145	.665
Item 19	.355	.648
Item 20	.511	.632
Item 21	.362	.649
Item 22	.184	.663
Item 23	-.158	.688
Item 24	.109	.670
Item 25	.120	.666
Item 26	.504	.635
Item 27	.019	.673
Item 28	.086	.668
Item 29	.178	.663
Item 30	.400	.645

A análise das correlação item-total corrigido (poder discriminativo dos itens) e alfa de Cronbach se retirado o item (Quadro 3) permite verificar

a existência de alguns itens que contribuem para uma menor consistência interna da escala, estando os seus valores abaixo do desejável valor mínimo de .20 (Kline, 1986). No Anexo 2 podem ser consultados os quadros equivalentes para cada um dos 3 factores, onde se verifica uma situação em parte semelhante à totalidade da escala. Desta forma, no factor Laxismo (constituído por onze itens), apenas um item (24) se encontra abaixo do valor mínimo desejável, sendo os valores dos outros itens elevados, evidenciando a elevada consistência interna desta subescala. Relativamente ao factor Sobre-reactividade, tendo em conta que esta subescala é representada por dez itens, quatro deles (6, 14, 25 e 28) encontram-se abaixo do valor mínimo aceitável, o que indica que estarão a contribuir para uma menor consistência interna desta subescala e da escala total. O mesmo acontece com o factor Verbosidade, onde quatro (2, 9, 23 e 29) dos seus sete itens apresentam valores abaixo do tomado como referência, podendo esta subescala estar a diminuir a consistência interna da escala total.

4.1.3 Validade discriminante

Com o objectivo de avaliarmos a capacidade de os instrumentos usados nesta investigação diferenciarem uma amostra da população em geral (amostra em estudo) de uma amostra com características clínicas, recorremos a uma amostra constituída por 49 crianças identificadas como possuindo problemas de comportamento⁴. De referir que as duas amostras apresentadas neste estudo diferem significativamente quanto à variável género ($\chi^2(1, N = 173) = 4.01, p < .05$), na medida em que existem, em termos proporcionais, mais rapazes na amostra clínica do que na normativa, mas não apresentam diferenças significativas quanto a idade ($\chi^2(1, N = 173) = 0.52, p > .05$) e nível socioeconómico ($\chi^2(1, N = 173) = 5.71, p > .05$), ou seja, ambas são equivalentes em duas das três variáveis demográficas enunciadas nesta investigação.

Tal como pode ser verificado no Quadro 4, a comparação entre as médias dos resultados na nossa amostra (comunitária) e na amostra clínica não apontam para diferenças estatisticamente significativas. Contudo, na Escala de Sobre-Reatividade, as diferenças aproximam-se na significância estatística ($t(163) = 1.808; p = .072$), verificando-se valores mais elevados para esta subescala na amostra clínica ($M = 3.67; DP = .89$) do que na amostra comunitária ($M = 3.40; DP = .82$).

⁴ Crianças em idade pré-escolar, sinalizadas para integrar a amostra do projecto de investigação “Prevenção/intervenção precoces em distúrbios de comportamento: eficácia de programas parentais e escolares”, em curso na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. As crianças foram rastreadas em centros de saúde, médicos particulares, jardins-de-infância e outros locais frequentados por crianças em idade pré-escolar, com base na presença de comportamentos do tipo hiperactivo e/ou de desafio/oposição.

Quadro 4: Comparação entre médias de resultados na amostra comunitária e numa amostra clínica

Arnold	Amostra Comunitária M (DP)	Amostra Clínica M (DP)	<i>t</i>	<i>p</i>
Total	3.41 (.57)	3.58 (.63)	1.588	.114
Escala Laxismo	2.78 (.99)	2.95 (2.95)	1.027	.306
Escala Sobre- Reactividade	3.40 (.82)	3.67 (.89)	1.808	.072
Escala Verbosidade	4.14 (.93)	4.24 (1.04)	.600	.549

4.2 Escala de Sentido de Competência Parental

4.2.1 Estatísticas descritivas

No Quadro 5 são apresentadas as estatísticas descritivas relativas à Escala de Sentido de Competência Parental (Johnston & Mash, 1989), para a amostra total e tendo em conta o género, a idade e o nível socioeconómico, sendo descritas médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos. Os resultados obtidos em cada subescala e no total representam as médias dos resultados dos itens que os compõem.

A comparação de médias de resultados em função do género (através do teste *t* de Student), idade e nível socioeconómico (através de ANOVA) permite verificar a existência de uma diferença estatisticamente significativa na subescala Eficácia, $t(119) = 4.63$; $p < .05$, entre o género feminino e masculino, mostrando que os pais de meninas ($M = 3.86$; $DP = 0.46$) se sentem mais eficazes que os de meninos ($M = 3.65$; $DP = 0.59$). Também se verificam diferenças estatisticamente significativas para a subescala da Satisfação no que concerne ao nível socioeconómico ($F(2,115) = 3.165$; $p < .05$), sendo que os pais do nível socioeconómico elevado parecem ter maior satisfação ($M = 3.87$; $DP = 0.52$) do que os de nível socioeconómico baixo ($M = 3.59$; $DP = 0.54$). Porém, através da análise *post-hoc* pelo teste de Tukey, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre quaisquer das categorias da variável nível socioeconómico, na subescala Satisfação da PSOC. Existe, ainda, um outro efeito que se aproxima do valor mínimo de significância estatística, relativo à idade na subescala Satisfação ($F(2,120) = 2.355$; $p = .099$), sendo que os pais de crianças de 3 anos ($M = 3.98$; $DP = 0.46$) parecem encontrar-se mais satisfeitos com a sua parentalidade do que os das crianças de 4 ($M = 3.74$; $DP = 0.51$) ou de 5/6 anos ($M = 3.68$; $DP = 0.59$).

Quadro 5: Estatísticas Descritivas para a Escala de Sentido de Competência Parental

	N	M	DP	Mínimo	Máximo
SENT.COMP.PARENTAL	119	3.79	0.54	2.76	4.94
TOTAL					
Raparigas	54	3.85	0.42	3.06	4.94
Rapazes	65	3.74	0.40	2.76	4.82
3 anos	21	3.88	0.36	3.12	4.59
4 anos	45	3.76	0.43	2.94	4.94
5/6 anos	53	3.79	0.42	2.76	4.94
NSE Baixo	42	3.72	0.34	2.94	4.29
NSE Médio	42	3.86	0.41	3.06	4.94
NSE Alto	31	3.79	0.48	2.76	4.94
SATISFAÇÃO	121	3.75	0.55	1.89	5.00
Raparigas	54	3.77	0.57	2.67	5.00
Rapazes	67	3.74	0.53	1.89	4.67
3 anos	21	3.98	0.46	3.11	4.67
4 anos	46	3.74	0.51	2.67	4.89
5/6 anos	54	3.68	0.59	1.89	5.00
NSE Baixo	43	3.59	0.54	1.89	4.67
NSE Médio	42	3.82	0.53	2.67	5.00
NSE Elevado	31	3.87	0.52	2.89	4.89
EFICÁCIA	121	3.75	0.54	2.14	5.00
Raparigas	55	3.86	0.46	2.57	5.00
Rapazes	66	3.65	0.59	2.14	5.00
3 anos	22	3.69	0.49	2.57	4.71
4 anos	45	3.73	0.57	2.14	5.00
5/6 anos	54	3.78	0.56	2.43	5.00
NSE Baixo	42	3.74	0.47	2.43	4.71
NSE Médio	44	3.82	0.52	2.14	5.00
NSE Elevado	31	3.62	0.66	2.43	5.00

4.2.2 Consistência interna

O cálculo do coeficiente alfa de Cronbach para a Escala de Sentido de Competência Parental permitiu chegar a um valor de .773, o que, segundo DeVellis (1991), se encontra num nível “respeitável”. No que diz respeito às

suas subescalas, estas encontram-se ambas a níveis respeitáveis, com valores de .781 para a Satisfação e de .725 para a Eficácia, o que demonstra os bons níveis de fiabilidade do presente instrumento.

Quadro 6: Características dos itens da Escala de Estilos Parentais: correlações item-total

	Correlação Item – total corrigido	Alfa de Cronbach retirado o item
Item 1	.383	.760
Item 2	.405	.758
Item 3	.312	.768
Item 4	.293	.767
Item 5	.285	.772
Item 6	.321	.765
Item 7	.331	.764
Item 8	.339	.763
Item 9	.431	.756
Item 10	.473	.753
Item 11	.292	.767
Item 12	.452	.753
Item 13	.461	.754
Item 14	.395	.763
Item 15	.280	.768
Item 16	.504	.753
Item 17	.286	.767

A análise das correlação item-total corrigido (poder discriminativo dos itens) e alfa de Cronbach se retirado o item (Quadro 6) permite verificar que todos os itens apresentam um bom poder discriminativo (correlações item-total, segundo Kline (1986), todas superiores a .20), contribuindo, assim, para a consistência interna desta escala. No Anexo 3 podem ser consultados os Quadros equivalentes para cada uma das duas subescalas. Acrescente-se que, na análise da correlação item-total por subescala, à semelhança da tendência observada na escala total, ambas possuem valores acima daquele tomado como mínimo.

4.2.3 Validade discriminante

Para avaliarmos a utilidade deste instrumento na discriminação entre sujeitos da comunidade em geral e crianças de uma amostra clínica, recorreremos à amostra clínica descrita no ponto 4.1.3 deste estudo. Assim, na Escala de Sentido de Competência Parental, é visível a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo clínico e não clínico, quer no resultado total, quer ao nível das subescalas (Quadro 7). Tendo em conta o total desta escala, verifica-se que, no geral, os pais de crianças com referência por problemas de comportamento se sentem menos satisfeitos com a sua parentalidade ($M=3.37$; $DP=0.47$) que os pais de crianças da população em geral ($M=3.79$; $DP=0.41$) ($t(160) = -5.633$; $p < .01$). Mais

especificamente, os pais de crianças da amostra da comunidade sentem-se mais satisfeitos com a parentalidade ($M=3.75$; $DP=0.55$) do que os pais das crianças que apresentam problemas de comportamento ($M=3.41$; $DP=0.67$) ($t(162)=-3.304$; $p<.01$); e também se consideram mais eficazes ($M=3.75$; $DP=0.54$) em comparação com os pais da amostra clínica ($M=3.14$; $DP=0.47$) ($t(162)=-6.468$; $p<.01$).

Quadro 7: Comparação entre médias de resultados na amostra comunitária e numa amostra clínica

PSOC	Amostra Normativa M (DP)	Amostra Clínica M (DP)	t	P
Total	3.79 (.41)	3.37 (.47)	-5.633	.000
Escala Satisfação	3.75 (.55)	3.41 (.67)	-3.304	.001
Escala Eficácia	3.75 (.54)	3.14 (.47)	-6.468	.000

4.3 Parental Account of Children's Symptoms

O Quadro 8 apresenta as estatísticas descritivas da entrevista *Parental Account of Children's Symptoms*, usada neste trabalho como indicador do nível de perturbação comportamental das crianças da amostra.

Quadro 8: Estatística Descritiva PACS

	N	M	DP	Mínimo	Máximo
Hiperactividade	40	2.90	3.23	0	12
Conduta	40	4.77	4.55	0	16

Tal como se pode observar, e tendo em conta os valores máximos possíveis (37 para a Escala de Hiperactividade e 54 para a Escala de Perturbação de Conduta), os resultados médios são baixos, na nossa amostra comunitária.⁵

4.4 Correlações entre instrumentos

Calculadas as correlações entre os resultados obtidos nas várias subescalas de cada instrumento e entre os instrumentos, foram encontradas algumas correlações significativas, sobretudo intra-instrumentos, tal como será descrito em seguida.

Relativamente à Escala de Estilos Parentais, o seu total tem uma correlação positiva elevada com a subescala de Laxismo ($r(118)=.772$, $p<.01$), moderada com a subescala Sobre-Reactividade ($r(118)=.525$, $p<.01$) e moderada com a subescala Verbosidade ($r(118)=.646$, $p<.01$). Note-se que estes coeficientes de correlação apresentam uma forte contaminação relacionada com o facto de os resultados de cada um dos factores entrarem

⁵ Para uma análise mais aprofundada e pormenorizada relativamente a este instrumento, consultar a tese de mestrado de Silva (2010).

no cálculo do resultado total. Já no que toca às correlações entre subescalas, observa-se uma correlação significativa e moderada entre Laxismo e Verbosidade ($r(121)=.434$, $p<.01$) e uma correlação também significativa, embora baixa, entre Sobre-Reactividade e Verbosidade ($r(119)=.220$, $p<.05$). Todas as correlações observadas dentro desta Escala são positivas, sendo apenas de assinalar uma correlação próxima de zero entre Laxismo e Sobre-Reactividade ($r(121)=.003$; $p=.972$)

No que diz respeito à Escala de Sentido de Competência Parental, as subescalas de Satisfação e Eficácia apresentam correlações positivas, significativas e de grau elevado com o total ($r(117)=.811$, $p<.01$; $r(117)=.757$, $p<.01$, respectivamente com as subescalas Satisfação e Eficácia). Também nestes casos os coeficientes de correlação apresentam uma forte contaminação relacionada com o facto de os resultados de cada uma das subescalas entrarem no cálculo do resultado total. As duas subescalas apresentam, entre si, uma correlação baixa ($r(117)=.246$, $p<.01$), embora significativa.

Por fim, as duas subescalas da PACS, hiperactividade e conduta, estão correlacionadas de forma positiva e significativa entre si, com um valor $r(36)=.420$, $p<.01$ (correlação moderada).

No que concerne às correlações entre instrumentos, embora estas sejam mais baixas, encontram-se algumas com significância estatística. Assim, as correlações entre a Escala de Estilos Parentais e a Escala de Sentido de Competência Parental são negativas, sendo de grau moderado entre os respectivos totais ($r(114)= -.396$; $p<.01$). Da análise das relações entre estes dois instrumentos são de salientar, com valores moderados (superiores a .40), os coeficientes encontrados entre o total da Escala de Estilos Parentais e o factor Satisfação do PSOC ($r(116)= -.452$; $p<.01$) e entre o factor Sobre-Reactividade da Escala de Estilos Parentais e o total ($r(117)= -.435$, $p<.01$). e subescala de Satisfação ($r(119)= -.417$; $p<.01$) do PSOC.

Os coeficientes de correlação mais baixos registam-se entre qualquer um dos dois questionários e os resultados da entrevista PACS. Assim, o estudo da relação entre a Escala de Estilos Parentais e a PACS evidencia coeficientes essencialmente positivos, mas só um deles estatisticamente significativo: entre a Sobre-Reactividade e a PACS-Conduta ($r(37)=.392$, $p<.05$). Já no que diz respeito às relações entre PSOC e PACS, estas são todas não significativas, embora negativas na sua maioria, tal como seria de esperar.

Quadro 9: Correlações de Pearson intra e inter-instrumentos: Escala de Estilos Parentais (n=120); Escala de Sentido de Competência Parental (n=116); Parental Account of Children's Symptoms (n=38)

	EEP Total	EEP Lax.	EEP React..	EEP Verb.	PSOC Total	PSOC Sat.	PSOC Ef.	PACS Hiperac.	PACS Conduta
EEP Total	1	.772**	.525**	.646**	-.396**	-.452**	-.096	.114	.144
EEP Lax.		1	.003	.434**	-.226*	-.321**	-.028	-.069	-.010
EEP React.			1	.220*	-.435**	-.417**	-.184*	.281	.392*
EEP Verb.				1	-.085	-.179	.077	.127	-.016
PSOC Total					1	.811**	.757**	-.125	-.077
PSOC Sat.						1	.246**	-.042	-.240
PSOC Ef.							1	-.195	.127
PACS Hiperac.								1	.420**
PACS Conduta									1

*p<.05; **p<.01

EEP Total = Escala de Estilos Parentais Total; EEP Lax. = Escala de Estilos Parentais, Factor Laxismo; EEP React. = Escala de Estilos Parentais, Factor Sobre-Reatividade; EEP Verb. = Escala de Estilos Parentais, Factor Verbosidade; PSOC Total = Escala de Sentido de Competência Parental Total; PSOC Sat. = Escala de Sentido de Competência Parental, Factor Satisfação; PSOC Ef. = Escala de Sentido de Competência Parental, Factor Eficácia; PACS Hiperac. = *Parent Account of Children's Symptoms*, Factor Hiperatividade; PACS Conduta = *Parent Account of Children's Symptoms*, Factor Conduta

5. Discussão

A presente investigação pretendeu, em primeiro lugar, obter alguns dados relacionados com a parentalidade, e compreender até que ponto ela assume características diferentes consoante se trate de pais de uma amostra normativa de crianças (amostra em estudo) ou de uma amostra clínica. Além disso, pretendeu comparar os resultados de alguns instrumentos, no sentido de determinar algumas relações entre variáveis, relacionadas com as crianças (comportamento da criança em idade pré-escolar), e com os seus pais (o sentido de competência parental e os estilos parentais). Dado que os instrumentos utilizados não possuem normas nem estudos na população portuguesa, pretendeu-se, igualmente, contribuir para a validação de tais instrumentos na nossa população.

Partindo dos objectivos e hipóteses levantados, e tendo em conta os resultados alcançados para os diferentes instrumentos, reflectimos agora sobre os principais resultados.

Um primeiro comentário prende-se com a análise da consistência interna dos questionários utilizados neste estudo. Pode referir-se que um instrumento tem uma fiabilidade apropriada quando o alfa é pelo menos de .70 (Nunnally, 1978, cit. in Marouco e Garcia-Marques, 2006). Porém, em alguns cenários de investigação, um alfa de .60 é considerado aceitável, desde que os resultados encontrados com esse instrumento sejam interpretados com precaução (DeVellis, 1991). Neste contexto, importa recordar que para a Escala de Sentido de Competência Parental e respectivas subescalas foram obtidos bons níveis de consistência interna (coeficientes alfa com valores entre .725 e .781), enquanto para a escala de Estilos Parentais os valores de alfa encontrados foram baixos (entre .413 e .745), havendo vários itens com correlações fracas (abaixo de .20) com os respectivos totais. Desta forma, é importante interpretar os resultados da Escala de Estilos Parentais à luz desta precaução, sobretudo nos itens que dizem respeito ao factor Verbosidade. Podemos colocar a hipótese de que a baixa consistência interna apresentada por este instrumento possa estar relacionada com a fraca heterogeneidade da amostra utilizada, que acaba por traduzir-se por um fraco poder discriminativo dos itens. Refira-se que neste estudo se observou a mesma tendência que no estudo original desta escala, em que o factor Verbosidade se apresentou como o menos robusto. Uma outra explicação possível para estes resultados prende-se com a dificuldade na compreensão de alguns dos itens e do sistema de resposta, a qual será abordada nas conclusões.

De acordo com a nossa Hipótese 1, encontrar-se-ão níveis mais elevados de estilos parentais disfuncionais na amostra clínica do que na normativa. Esta hipótese é sustentada por Arnold, O'Leary, Wolff e Acker (1993) que, ao colocarem em evidência a equivalência entre os factores Laxismo e Sobre-reatividade e os estilos parentais descritos por Baumrind, designados como permissivo e autoritário, respectivamente, põem, igualmente, em evidência a ligação entre estes estilos parentais disfuncionais e alguns problemas de comportamento nas crianças. Assim, destacam que o factor Laxismo diz respeito a uma disciplina permissiva, que pode estar

ligada a problemas comportamentais (Patterson, 1976, *cit. in* Arnold et al., 1993). Já uma parentalidade caracterizada pela Sobre-reatividade pode levar a problemas externalizantes, uma vez que se associa à manifestação de agressividade, fúria e insultos por parte dos pais. Finalmente, o factor Verbosidade reflecte um tipo de disciplina em que as reprimendas não consistentes vão provocar nas crianças comportamentos contingentes não adequados, ou seja, não vão ter qualquer consequência significativa no comportamento (Arnold et al., 1993). Os resultados do presente estudo indicaram que essa tendência existe, mas não de uma forma consistente. Assim, apenas no factor Sobre-reatividade essa diferença se encontrou perto do nível de significância estatístico. Tal resultado sugere que um estilo parental mais punitivo, exigente e ameaçador está relacionado com a existência de problemas de comportamento em crianças.

Ainda no que se refere à escala de Estilos Parentais, os resultados do presente estudo sugerem que o estilo Verbosidade é o referido com sendo mais utilizado pelos pais da amostra normativa, talvez por ser aquele que os pais consideram mais aceitável, do ponto de vista social. Numa análise mais fina, tendo em conta os resultados deste questionário em função de algumas variáveis de natureza sociodemográfica, verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas, em função do género da criança, quanto à adopção de estilos parentais inapropriados por parte dos pais. Também num estudo realizado por Collett, Gimpel, Greenson e Gunderson (2001), as médias para ambos os géneros revelaram-se muito próximas. No que concerne às idades, verifica-se uma diferença que, não sendo estatisticamente significativa, se encontra próximo deste limiar: esta diferença assinala uma maior utilização da estratégia de Laxismo em pais de crianças com 4 anos, comparativamente com os que têm filhos com 3 ou com 5/6 anos. Este resultado poderá explicar-se pelo facto de esta ser a idade em que as “birras” assumem a sua máxima intensidade e frequência, facto que pode levar os pais a optar por comportamentos menos interventivos – o que, nesta situação concreta, poderá ser mais eficaz. Por fim, no que diz respeito à comparação entre os níveis socioeconómicos, verifica-se uma diferença estatisticamente significativa entre o nível socioeconómico baixo e o elevado para o estilo parental Verbosidade, estando este mais presente em camadas da população de estatutos mais baixos, resultado este que também foi encontrado no estudo supracitado. Assim, o facto de os resultados do presente estudo irem ao encontro do postulado pela literatura científica da área, permite-nos ter maior confiança nos resultados obtidos.

Comparando os resultados para a escala de Sentido de Competência Parental, tendo em conta a amostra clínica e normativa (Hipótese 2), observam-se níveis mais elevados na amostra comunitária que na amostra clínica, quer para o total, quer para as subescalas (Satisfação e Eficácia), o que confirma a hipótese levantada. A literatura sugere, neste contexto, que baixos níveis de eficácia percebida pelos pais podem resultar em auto-culpabilização e depressão, podendo levar a uma diminuição na satisfação com o papel parental (Johnston & Mash, 1989). Neste contexto, os pais de crianças da amostra normativa percebem a sua influência parental no

comportamento dos filhos como sendo positiva. Concordando com os resultados alcançados, outros autores já haviam referido que o sentimento de eficácia ou controlo em pais de crianças com Perturbação de Hiperactividade com Défice de Atenção (PHDA) é menor, quando em comparação com o de pais de crianças sem problemas (Sobol, Ashbourne, Earn & Cunningham, 1989; Johnston & Patenaude, 1994).

Uma análise aprofundada, para a amostra normativa do presente estudo, permitiu detectar diferenças estatisticamente significativas em função do género para a subescala de Eficácia, que apresenta resultados mais elevados para as meninas, o que indica que os pais julgam os seus estilos parentais mais adequados em relação às filhas. Este aspecto levou-nos a hipotetizar que as meninas podem aceder mais facilmente às indicações dos pais do que os meninos. No nível socioeconómico, verificam-se diferenças estatisticamente significativas na subescala de Satisfação entre o nível socioeconómico elevado e baixo, o que sugere que esta é uma variável moderadora na percepção de um pai relativamente à sua parentalidade, ou seja, os pais/mães de nível socioeconómico mais elevado parecem sentir-se mais satisfeitos com a sua actuação parental do que os de nível mais baixo. No que diz respeito às idades, embora não se apresentem diferenças estatisticamente significativas, os pais de crianças com 3 anos tendem a registar maiores níveis de satisfação com a parentalidade do que os de crianças mais velhas, o que poderá ser justificado pelo desafio crescente que representa a educação de uma criança, à medida que ela cresce, podendo associar-se a níveis progressivamente mais baixos de satisfação.

No que respeita às Hipóteses 1 e 2, os resultados obtidos poderão sugerir que as diferenças entre a amostra clínica e a normativa, no que diz respeito a variáveis de parentalidade, não residem tanto na forma como os pais exercem a sua parentalidade, mas sobretudo na forma como percebem a sua própria competência enquanto pais, quer seja relativamente à eficácia, quer seja em relação à satisfação. Mais especificamente, os diferentes estilos parentais são semelhantes nas duas amostras, mas um pai/mãe com um estilo inapropriado com uma criança com comportamentos de hiperactividade sente-se menos competente que um pai/mãe que tenha o mesmo estilo, mas com uma criança da população normativa. Este aspecto pode sugerir o relevo que terão variáveis como o comportamento ou o temperamento da criança para o estudo da parentalidade, destacando a circularidade da causalidade entre comportamentos de pais e filhos já debatida anteriormente, não sendo a influência de causalidade linear.

O estudo das correlações intra e inter-instrumentos permitiu chegar a correlações mais elevadas no primeiro caso do que no segundo, tal como era esperado.

No que diz respeito à Hipótese 3 por nós levantada, a qual preconiza a existência de correlações positivas e significativas entre comportamentos desadequados das crianças (avaliados pela PACS) e estilos parentais negativos (avaliados pelo questionário de Estilos Parentais), encontramos somente um coeficiente estatisticamente significativo, ainda que de

magnitude baixa, entre a Escala de Conduta e o estilo parental caracterizado pela Sobre-reatividade. Assim, pode inferir-se que uma criança que, desde pequena, seja sujeita a um elevado controlo parental, possa manifestar mais problemas de conduta, como tentativa de fuga a esse controlo. Também Webster-Stratton (1998) observou que as crianças cujos pais sejam abusivos fisicamente, altamente críticos e hostis, à semelhança daquelas cujos pais sejam desinteressados e promovam uma baixa estimulação cognitiva, podem estar mais vulneráveis a Perturbações de Conduta. Um estudo realizado por Johnston e Patenaud (1994), destaca, igualmente, mais reacções negativas perante comportamentos mais difíceis dos seus filhos, em pais de crianças com Perturbação de Hiperactividade e Défice de Atenção.

Relativamente à Hipótese 4 colocada, os resultados confirmam a existência de correlações negativas entre as subescalas de Eficácia e de Satisfação (pais) e as subescalas de Hiperactividade e de Conduta (criança), embora nenhuma delas seja estatisticamente significativa. As correlações negativas podem sugerir que quanto mais problemas de comportamentos estas crianças apresentam, pior estes pais percebem o seu exercício de parentalidade, embora estas relações sejam menos evidentes quando se trata de uma amostra sem quaisquer tipos de problemas identificados. A literatura neste domínio defende que, ao se compararem amostras de populações clínicas e não clínicas (Delfini, Bernal, & Rosen, 1976, Lobitz & Johnson, 1975, Patterson, 1976, Snyder, 1977, todos cit. in Arnold, O'Leary, Wolff, & Acker, 1993; Hynan, 2006), se observa que os pais de crianças agressivas, anti-sociais e com comportamentos desadequados são mais submissos, ambíguos e inconsistentes nas suas respostas aos problemas comportamentais, o que poderá induzir a diminuição da sua competência enquanto pais. Bor e Sanders (2006) também concluíram pela existência de correlações negativas significativas entre o sentido de competência de mães e a existência de níveis elevados de comportamento disruptivo nas crianças.

No que concerne à Hipótese 5, que antecipava a existência de correlações negativas significativas entre estilos parentais desadequados e o sentido de competência parental, nas suas vertentes de satisfação e de eficácia, os resultados obtidos confirmaram-na, na sua maioria. Desta forma, apenas o Estilo Parental Verbosidade não apresenta correlações significativas (embora elas sejam, como esperado, negativas), quer com a subescala da eficácia, quer com a de satisfação, o que poderá sugerir, tal como foi anteriormente explicitado, que este estilo parental é considerado o mais adequado pelos pais, que se sentem competentes pelas explicações dadas aos seus filhos. Na verdade, este foi o estilo parental com média mais elevada na amostra comunitária. Relativamente aos outros estilos parentais, as correlações são negativas e significativas com a totalidade da escala de Sentido de Competência Parental, bem como com a subescala da Satisfação. Já na subescala de Eficácia, assinala-se somente uma correlação como sendo significativa, com o estilo parental caracterizado pela Sobre-reatividade. Este dado vai de encontro à literatura que defende que uma parentalidade caracterizada pela Sobre-reatividade está associada, de forma negativa e significativa, com o sentido de competência materno (Bor & Sanders, 2006).

O facto de não se encontrarem mais correlações significativas nas relações anteriormente estudadas (Hipóteses 3, 4 e 5) pode estar relacionado com a fraca heterogeneidade da amostra comunitária, já anteriormente assinalada, e que se exporá mais em pormenor nas limitações do presente estudo.

6. Conclusões

Esta investigação pretendia avaliar algumas variáveis relacionadas com a parentalidade e com o comportamento de crianças em idade pré-escolar, percebido pelos pais, e relações entre estas variáveis, numa amostra da população em geral, e comparando-as com dados de uma amostra clínica.

O estudo realizado permite-nos chegar às seguintes principais conclusões: pais de crianças da comunidade em geral percebem-se como mais competentes (maior sentido de eficácia e de satisfação) se os seus filhos apresentam menos comportamentos do tipo hiperactivo e/ou de conduta/desafio; estes pais também se sentem mais competentes quando recorrem a menos estilos parentais inapropriados, exceptuando os casos em que os pais usam estratégias onde vigoram longas respostas verbais ineficazes que, contudo, não são percebidas pelos pais como tal. Ou seja, podem ser estabelecidas relações entre variáveis da parentalidade e comportamento da criança, sendo, mais uma vez, evidente a importância da circularidade destes processos, em que as influências são múltiplas e recíprocas.

Podem ser apontadas algumas limitações a este estudo.

Na comparação das duas amostras, seria importante a existência de equivalência entre a amostra clínica e amostra da comunidade em termos de variáveis sociodemográficas. No entanto, esta equivalência não existe no que diz respeito à variável género, o que vai ao encontro da maior prevalência de Perturbação de Hiperactividade e/ou de Oposição no género masculino (DSM-IV, 2002), daí que ele esteja mais representado na amostra clínica. Além disso, é importante ter em conta o elevado nível socioeconómico e os altos níveis de escolaridade dos pais da amostra comunitária, o que a torna pouco representativa da tendência nacional e poderá ter tido algum impacto nos resultados. Assim, tal como foi assinalado, trata-se de uma amostra bastante mais homogénea do que a população em geral. Por outro lado, pais mais escolarizados poderão ter mais conhecimentos ao nível das práticas parentais adequadas, podendo, igualmente, ter mais presente nas suas respostas quais as que são mais desejáveis do ponto de vista social. Porém, tal como ficou dito, na escala de Estilos Parentais não é particularmente fácil, mesmo para pais escolarizados, compreender qual o sentido da desejabilidade social.

Uma segunda limitação prende-se com o procedimento utilizado na recolha dos dados. Assim, o facto de aplicarmos uma entrevista de avaliação de comportamentos de hiperactividade/conduta da criança ao mesmo tempo que questionários de avaliação de estilos e de sentido de competência parentais poderá ter contaminado os resultados dos diferentes instrumentos,

na medida em que os pais podiam sentir-se avaliados na sua qualidade de educadores e, nesse sentido, responder de acordo com a desiderabilidade social.

Além disso, verificou-se uma ausência de identificação dos pais com algumas das questões da entrevista realizada, por ela se destinar a uma população muito específica, que não a normativa. Alguns itens que causaram maior confusão diziam respeito à capacidade de a criança estar sentada a ver televisão ou a brincar (escala de Hiperactividade), ou a actos de roubo ou comportamentos de mentira por parte das crianças (escala de Conduta), que são itens mais específicos de uma população clínica.

Por outro lado, os questionários foram respondidos, quase sempre, após a entrevista (que não constituiu o principal objecto de estudo desta investigação), e não em ordem contra-balanceada, tal como seria desejável. Tendo em conta a duração da entrevista (entre meia hora e uma hora), os resultados obtidos nos questionários poderão ter sido influenciados pelo menor investimento, causado pelo cansaço por parte dos pais.

Ressalte-se, ainda, que os pais manifestaram algumas dificuldades no preenchimento da Escala de Estilos Parentais, quer pelo escalonamento utilizado (com uma afirmação em cada extremo), quer mesmo pela dificuldade na compreensão de algumas afirmações, em que se verificou a existência de algumas lacunas. Assim, a baixa consistência interna obtida neste instrumento, bem como as fracas correlações de alguns itens com os respectivos totais, poderão ser justificadas por estas dificuldades, tal como pela elevada homogeneidade do grupo.

Algumas das limitações referidas poderão ser ultrapassadas em estudos futuros. Desta forma, propomos algumas sugestões, a fim de contribuir para uma melhor compreensão da temática da parentalidade e suas relações com o comportamento da criança, quer em populações normativas, quer em populações clínicas.

Primeiramente, destacamos a necessidade de consideração de outras variáveis num estudo semelhante, nomeadamente relacionadas com o temperamento da criança, já que, de acordo com a literatura, estas variáveis parecem ter grande influência na parentalidade devido à circularidade das influências que se estabelecem. Poderia, igualmente, ser pertinente realizar estudos sobre o efeito moderador de variáveis como o número de filhos, idade e género dos mesmos, seus padrões de comportamentos, entre outras, sobre as mesmas variáveis relativas à parentalidade.

A fim de colmatar algumas falhas deste estudo, nomeadamente no que diz respeito à baixa consistência da Escala de Estilos Parentais, seria importante dispor de uma amostra mais abrangente, tornando-a mais heterogénea (por exemplo, com uma maior representatividade de outros níveis socioeconómicos), no sentido de testar de modo mais conclusivo a validade daquela escala.

Apesar das limitações apontadas, que poderão constituir outras tantas sugestões para aperfeiçoamentos em próximas investigações, esta investigação pode constituir uma modesta contribuição para a melhor compreensão do que poderá ser uma parentalidade bem sucedida,

fundamental para um desenvolvimento harmonioso da criança e uma das responsáveis pelo nível de bem-estar familiar. De facto, nos estudos analisados, verificamos uma sobre-representação das populações clínicas, devendo, por isso, ganhar relevo o estudo das mesmas variáveis em amostras normativas, uma vez que os pais, independentemente dos problemas com que se debatem, têm sempre muitos receios e dúvidas. Assim, a parentalidade, como uma das primeiras descobertas em família, deverá ter sempre um papel destacado na investigação vindoura.

Bibliografia

- Abrams, S. (2004). *Goodness-of-fit between infant and parental temperament: implications for sensitivity, responsivity, synchrony, and reciprocity in the parent-infant interaction*. Doctoral dissertation presented to the Faculty of Pacific Graduate School of Psychology Palo Alto, California.
- Alarcão, M. (2006). *(Des) Equilíbrios familiares* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alves, R. (2008). *A satisfação parental : Criação de um instrumento de avaliação para serviços de psicoterapia infantil*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- American Psychiatric Association (2002). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (4ª ed.). Lisboa: Climepsi (original publicado em 1994).
- Ang, R. (2006). Effects of parenting style on personal and social variables for Asian adolescents. *American Journal of Orthopsychiatry*, 76 (4) 503-511.
- Arnold, D., O'Leary, S., Wolff, L., & Acker, M. (1993). The parenting scale : A measure of dysfunctional parenting in discipline situations. *Psychological Assessment*, 5 (2) 137-144.
- Arnold, E., & O'Leary, S. (1997). Mothers' and fathers' discipline of hard-to-manage toddlers. *Child & Family Behavior Therapy*, 19 (3), 1-11.
- Aunola, K., & Nurmi, J. (2005). The role of parenting style in children's problem behavior. *Child Development*, 76 (6), 1144-1159.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development Psychology Monographs*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1973). The development of instrumental competence through socialization. In A. Pick (Ed.), *Minnesota Symposia on Child Psychology* (Vol.7, pp. 3-46). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth and Society*, 9, 239-276.

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, J., & Barends, N. (2002). Personality and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 3): *Being and becoming a parent* (pp. 415-438). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Bor, W., & Sanders, M.R. (2004). Correlates of self-reported coercive parenting of preschool-aged children at high risk for the development of conduct problems. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 38, 738-745.
- Bor, W., Sanders, M., & Markie-Dadds, C. (2002). The effects of the triple P-positive parenting program on preschool children with co-occurring disruptive behavior and attentional/hyperactive difficulties. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30 (6), 571-587.
- Bornstein, M. (2002). Parenting infants. In Marc Bornstein (Ed.). *Handbook of parenting* (Vol. 1): *Children and parenting* (pp. 3-43). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Bornstein, M., & Cheah, C. (2006). The place of « culture and parenting » in the ecological contextual perspective on developmental science. In K. Rubin, & O. Chung, (Eds.), *Parenting beliefs, behaviors, and parent-child relations: A cross cultural perspective* (pp. 3-34). New York: Psychology Press.
- Bugental, D., & Happaney, K. (2002). Parental attributions. In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting* (Vol. 3): *Being and becoming a parent* (pp. 509-535). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Camacho, I., & Matos, M. (2008). Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento académico. In M. Matos, M. (Ed.), *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola* (pp. 145-159). CDI / FMH Edições.
- Castro, J., Pablo, J., Toro, J., & Valdés, M. (1999). Parenting style in relation to pathogenic and protective factors of type A behaviour pattern. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 34, 383-390.
- Chess, S., & Thomas, A. (1999). *Goodness of fit: Clinical applications from infancy through adult life*. New York: Brunner/ Mazel Publishers.
- Collett, B., Gimpel, G., Greenson, J., Gunderson, T. (2001). Assessment of discipline styles among parents of preschool through school-age children. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 23

(3), 163-170.

- Cowan, C., Cowan, P., Heming, G., & Miller, N. (1991). Becoming a family: Marriage, parenting and child development. In P. Cowan, & M. Hetherington (Eds.). *Family Transitions* (pp. 79-109). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Cunningham, C. (2007). A family-centered approach to planning and measuring the outcome of interventions for children with attention-deficit/hyperactivity disorder. *Journal of Pediatrics Psychology*, 32 (6), 676-694.
- Cunningham, C., & Boyle, M. (2002). Preschoolers at risk for attention-deficit hyperactivity disorder : Family, parenting, and behavioral correlates. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30 (6), 555-569.
- Daley, D., & Thompson, M. (2007). Parent training for ADHD in preschool children. *Advances in ADHD*, 2 (1), 11-16.
- Daley, D., Snouga-Barke, E.J.S., & Thompson, M. (2003). Assessing expressed emotion in mothers of preschool AD/HD children: Psychometric properties of a modified speech sample. *British Journal of Clinical Psychology*, 42, 53-67.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487-496.
- Demick, J. (2002). Stages of parental development. In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting* (Vol.3): *Being and becoming a parent* (pp. 389-413). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- DeVellis, R. F. (1991). *Scale development: Theory and applications*. Newbury Park, CA: SAGE Publications.
- Finzi-Dottan, R., Manor, I., & Tyano, S. (2006). ADHD, temperament, and parental style as predictors of the child's attachment patterns. *Child Psychiatry Human Development*, 37, 103-114.
- Fite, P., Stoppelbein, L., & Greening, L. (2009). Predicting readmission to a child psychiatric inpatient unit: The impact of parenting styles. *Journal of Child and Family Study*, 18, 621-629.
- Flouri, E. (2008). Temperament influences on parenting and child psychopathology: Socio-economic disadvantage as moderator. *Child Psychiatry and Human Development*, 39, 369-379.
- Gaspar, M. F. (1999). *Projecto Mais-Pais. Factores sócio-culturais e*

interpessoais do desenvolvimento numérico de crianças em idade pré-escolar: O nome dos números e o envolvimento dos pais. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação na Especialidade de Psicologia da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

- Gaspar, M., & Paiva, P. (2001). *Parenting practices and children's socio-emotional development: A study with portuguese community preschool age children*, Acedido a 20 de Novembro de 2009, a partir de:
<http://www.incredibleyears.com/library/items/parenting-practices-lift-portuguese-04.pdf>
- Goodwin, L. (2002). Changing conceptions of measurement validity: An update on the new Standards. *Journal of Nursing Education*, 41 (3), 100-106.
- Heinicke, C. (2002). The transition to parenting. In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting* (Vol. 3): *Being and becoming a parent* (pp. 363-388). London: Lawrence Erlbaum associates, Publishers.
- Hynan, D. (2006). Scientific considerations in observing how children interact with parents. *The Forensic Examiner*, 15 (4) 42-47.
- Johnston, C., & Mash, E. (1986). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18 (2), 167-175.
- Johnston, C., & Patenaud, R. (1994). Parent attributions for inattentive-overactive and oppositional-defiant child behaviours. *Cognitive Therapy and Research*, 18 (3), 261-275.
- Karazsia, B., van Dulman, M., & Wildman, B. (2008). Confirmatory factor analysis of Arnold et al.'s Parenting Scale across race, age, and sex. *Journal of Child and Family Studies*, 17, 500-516.
- Karpowitz, D. (2001). American families in the 1990s and beyond. In M. Fine & S. Lee (Eds.). *Handbook of diversity in parent education: The changing faces of parenting and parent education* (pp.1-14) Academic Press: USA.
- Keown, L., & Woodward, L. (2002). Early parent-child relations and family functioning of preeschool boys with pervasive hyperactivity. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30 (6), 541-553.
- Knight, K., Elfenbein, M., Capozzi, L., Eason, H., Bernando, M., & Ferus, K. (2000). Relationship of connected and separate knowing to parental style and birthorder. *Sex Roles*, 43 (3/4), 229-240.

- Knoche, L., Givens, J., & Sheridan, S. (2007). Risk and protective factors for children of adolescents: Maternal depression and parental sense of competence. *Journal of Child and Family Studies, 16*, 684-695.
- Kristal, J. (2005). *The temperament perspective: Working with children's behavioral styles*. Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Lange, G., Sheerin, D., Carr, A., Dooley, B., Barton, V., Marshall, D., Mulligan, A., Lawlor, M., Belton, M., & Doyle, M. (2005). Family factors associated with attention deficit hyperactivity disorder and emotional disorders in children. *Journal of Family Therapy, 27* (1), 76-96.
- Lifford, K., Harold, G., & Thapar, A. (2007). Parent-child relationships and ADHD symptoms: A longitudinal analysis. *Journal of Abnormal Child Psychology, 36*, 285-296.
- Maccoby, E., & Martin, J. (2003). Socialization in the context of the family: Parent-child interactions. In P. H. Mussen & E. Hetherington (Eds.). *Handbook of child psychology*. (Vol. 4, 4th ed., pp. 1-101). New York: John Wiley e Sons.
- Marouco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach?: Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia, 4* (1): 65-90.
- Moura-Ramos, M. (2006). *Adaptação materna e paterna ao nascimento de um filho: Percursos e contextos de influência*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Moura-Ramos, M., Canavarro, M. C. Araújo, A., Oliveira, C. & Monteiro, S. (2005). A adaptação paterna na transição para a parentalidade. *Iberpsicología, 10* (2).
- Neves, Z. (2007). *A (nossa) intervenção com famílias multiproblemáticas*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar.
- Ohan, J., Leung, D., & Johnston, C. (2000). The Parenting Sense of Competence Scale: Evidence of a stable factor structure and validity. *Canadian Journal of Behavioural Science, 32* (4), 251-261.
- Oliveira, E., Marin, A., Pires, F., Frizzo, G., Ravello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de

externalização e internalização. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 15, 1-11.

- Psychogiou, L., Daley, D., Thompson, M., & Snouga-Barke, E. (2008). Do maternal attention-deficit/hyperactivity disorder symptoms exacerbate or ameliorate the negative effect of child attention-deficit/hyperactivity disorder symptoms on parenting? *Development and Psychopathology*, 20 (1), 121-137.
- Relvas, A.P., & Vaz, C. (2002). Monoparentalidade: Uma família à parte ou parte de uma família? In A. P. Relvas & M. Alarcão (Coords.), *Novas Formas de Família* (pp. 245-298). Coimbra: Quarteto Editora.
- Ribeiro, M.J. (2003). *Ser família : Construção, implementação e avaliação de um programa de educação parental*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Sabatelli, R., & Waldron, R. (1995). Measurement issues in the assessment of the experiences of parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 57 (4), 969-980.
- Salvado, I. (2003). Representações de vinculação e representações de autoridade: Estudo exploratório com crianças em idade escolar. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Sigel, I., & McGillicuddy-De Lisi, A. (2002). Parent beliefs are cognitions: The dynamic belief systems model. In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting* (Vol. 3): *Being and becoming a parent* (pp. 485-508). London : Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Silva, C. (2010). Estudo exploratório do Guião de Entrevista Semi-Estruturada PACS (*Parental Account of Children's Symptoms*) numa amostra da comunidade. Dissertação de Mestrado Integrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Sobol, M., Ashbourne, D., Earn, B., & Cunningham, C. (1989). Parents' attributions for achieving compliance from attention-deficit-disordered children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 17 (3), 359-369.
- Steinberg, L., Blatt-Eisengart, I., & Cauffman, E. (2006). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful homes: A replication in a sample of serious juvenile offenders. *Journal of Research on*

Adolescence, 16 (1), 47-58.

- Taylor, E., Chadwick, O., Heptinstall, E., & Danckaerts, M. (1996). Hyperactivity and conduct problems as risk factors for adolescent development. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 35 (9), 1213-1226.
- Thomas, A., & Chess, S. (1996). *Temperament: Theory and practice*. New York: Brunner/ Mazel Published.
- Van Werkhoven, W., Stevens, L. M., & Van Londen, A (2001). Teaching and parenting styles related to children's achievement motivation and learning outcomes. In A. Efklides, J. Kuhl & R. M. Sorrentino (Eds.), *Trends and prospects in motivation research* (pp. 85-99). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Webster-Stratton, C. (1998). Preventing conduct problems in Head Start Children: Strengthening parenting competencies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 66 (5), 715-730.
- Webster-Stratton, C., & Hammond, M. (1999). Marital conflict management skills, parenting style, and early-onset conduct problems: Processes and pathways. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 40 (6), 917-927.
- Williams, L., Degnan, K., Perez-Edgar, K., Henderson, H., Rubin, K., Pine, D., Steinberg, L., & Fox, N. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 1063-1075.
- Zayas, L., Jankowski, K., & McKee, M. (2005). Parenting competency across pregnancy and postpartum among urban minority women. *Journal of Adult Development*, 12 (1), 53-62.

Anexos

Anexo 1: Consentimento Informado

Caro Pai/ Mãe/ Encarregado de Educação:

Na qualidade de alunas do Mestrado Integrado em Psicologia (área de Sistémica, Saúde e Família) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, estamos a desenvolver um trabalho de investigação sob a orientação da Professora Doutora Maria João Seabra Santos, relativo ao comportamento de crianças em idade pré-escolar e à forma como os pais lidam com os seus filhos e como se sentem no seu papel de pais.

É neste sentido que vimos solicitar a vossa colaboração, através do preenchimento de questionários e da resposta a uma entrevista. Asseguramos que os dados recolhidos se destinam somente a esta investigação e serão tratados com absoluta confidencialidade.

Para qualquer esclarecimento adicional, poderão contactar-nos através dos e-mails seabramj@fpce.uc.pt ou natalia_antunes_21@hotmail.com, ou através do telemóvel 917395643 ou do telefone 239851456 (Faculdade).

Desde já, gratas pela vossa colaboração. Com os melhores cumprimentos, subscrevemo-nos atenciosamente.

Coimbra, 1 de Novembro de 2009,

Natália Henriques Antunes e Célia Guimarães da Silva

Anexo 2: Características dos itens das subescalas da Escala de Estilos Parentais

Características dos itens da Subescala Laxismo: correlações item-total

	Correlação Item – Total Subescala corrigido	Alpha de Cronbach retirado o item
Item 7	.468	.715
Item 8	.396	.728
Item 12	.376	.728
Item 15	.284	.740
Item 16	.498	.713
Item 19	.416	.723
Item 20	.583	.698
Item 21	.394	.726
Item 24	-.065	.794
Item 26	.598	.698
Item 30	.519	.711

Características dos itens da Subescala Sobre-Reactividade: correlações item-total

	Correlação Item – Total Subescala corrigido	Alpha de Cronbach retirado o item
Item 3	.372	.591
Item 6	-.002	.658
Item 9	.347	.598
Item 10	.465	.573
Item 14	.118	.659
Item 17	.578	.539
Item 18	.330	.603
Item 22	.450	.571
Item 25	.151	.633
Item 28	.193	.630

Características dos itens da Sub-escala Verbosidade: correlações item-total

	Correlação Item – Total Sub- escala corrigida	Alpha de Cronbach retirado o item
Item 2	.187	.375
Item 4	.279	.319
Item 7	.273	.327
Item 9	.149	.396
Item 11	.329	.295
Item 23	-.049	.476
Item 29	.120	.406

Anexo 3: Características dos itens das subescalas da Escala de Sentido de Competência Parental

Características dos itens da Subescala Satisfação: correlações item-total

	Correlação Item – Total Subescala corrigido	Alpha de Cronbach retirado o item
Item 2	.588	.741
Item 3	.496	.757
Item 5	.416	.772
Item 7	.480	.760
Item 8	.442	.763
Item 9	.411	.768
Item 12	.552	.747
Item 14	.488	.763
Item 15	.430	.768

Características dos itens da Subescala Eficácia: correlações item-total

	Correlação Item – Total Subescala corrigido	Alpha de Cronbach retirado o item
Item 1	.419	.698
Item 4	.510	.675
Item 6	.481	.682
Item 10	.506	.679
Item 11	.432	.694
Item 13	.525	.675
Item 16	.286	.750
